

## **Relatório de Estágio**

**Catarina da Silva Lourenço Ferreira**

**Relatório de Estágio de Mestrado em Arqueologia**

**Outubro, 2017**



Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Arqueologia realizado sob a orientação científica de André Pinto de Sousa Dias Teixeira e sob co-orientação científica de José António Bettencourt

“(…) Meio milénio de existência sobre tufos vulcânicos, por baixo de nuvens que são asas e bicharocos que são nuvens, é já uma carga respeitável de tempo (...). A geografia, para nós, vale outro tanto como a história, e não é de balde que as nossas recordações escritas inserem uns cinquenta por cento de relatos de sismos e enchentes. Como as sereias temos uma dupla natureza: somos de carne e pedra. Os nossos ossos mergulham no mar. “

Vitorino Nemésio, *Açorianidade*

## Agradecimentos

A realização deste relatório finaliza um ciclo fundamental na minha vida como estudante universitária. Não podia deixar de prestar o meu profundo agradecimento a todos aqueles que acompanharam o meu percurso, mesmo sabendo que umas meras palavras não serão suficientes.

Ao meu orientador, o Professor Doutor André Teixeira e ao meu co-orientador, Dr. José Bettencourt, agradeço por terem aceite desde logo orientar este trabalho e agradeço por toda a paciência e partilha do saber ao longo desta etapa.

Agradeço de igual forma à Câmara Municipal de Angra do Heroísmo, por ter permitido a realização deste estágio e por todos os meios que disponibilizou. À Sr<sup>a</sup> Vereadora Raquel Ferreira pela confiança e pelo incentivo em colocar as minhas ideias em prática.

Agradeço também a todos os professores desde o ensino primário ao secundário, que se disponibilizaram para abrir as portas das suas salas à Arqueologia. Estou também muito grata aos centros de convívio de idosos que me receberam muito bem e que me demonstraram que o saber não tem idade.

Um obrigada também aos centros de mergulho *Arraia Divers* e *Octopus* por ajudarem na logística e permitirem que um maior número de pessoas conhecesse o *Lidador* de perto.

Não poderia deixar de agradecer aos colegas da Universidade que depressa se tornaram em incansáveis amigos. À Raquel Lázaro, à Isabel dos Santos e à Susana Pacheco, por me levantarem a moral, por me motivarem a ser mais e melhor, por me receberem de braços abertos e por me fazerem sentir menos saudades de casa.

Por último e mais importante, obrigada aos meus pais. Sem eles, não tinha conseguido concretizar o meu sonho arqueológico. Obrigada por compreenderem que a História importa.

# **A ARQUEOLOGIA NA CIDADE DE ANGRA DO HEROÍSMO: EDUCAR PARA O PATRIMÓNIO**

**CATARINA DA SILVA LOURENÇO FERREIRA**

## **Resumo**

**PALAVRAS-CHAVE:** Divulgar Angra; Arqueologia Marítima nos Açores; Património Insular; Educação Cívica.

O presente relatório resulta do estágio efectuado na Câmara Municipal de Angra do Heroísmo, sendo que o principal objectivo centrou-se na divulgação e sensibilização para o património arqueológico subaquático da Baía de Angra. Entende-se que através da educação patrimonial, é possível estabelecer uma ponte entre miúdos e graúdos e a sua herança cultural, garantindo assim a sua salvaguarda.

As actividades realizadas envolveram todas as faixas etárias e contribuíram directamente para a salvaguarda e valorização do património junto da comunidade. O Espaço Mar, criado para divulgar a cultura científica dos mares dos Açores, foi o alicerce para o começo das actividades propostas. Este Espaço nasceu da vontade de três entidades distintas, preocupadas com o conhecimento científico a nível marítimo.

Foi um projecto que envolveu alunos, encarregados de educação bem como outros membros e entidades da comunidade local, permitindo assim a inversão do alheamento e ausência de relevância social que normalmente ocorrem em questões patrimoniais. Procurámos fomentar um processo activo de conhecimento, apropriação e valorização do património histórico e arqueológico. De facto, é esse património que nos permite diferenciar de outros locais a nível regional ou nacional.

# THE ARCHEOLOGY IN ANGRA DO HEROÍSMO: AWARENESS FOR HERITAGE PROTECTION

## Abstract

KEYWORDS: Publicize Angra; Maritime Archaeology in Azores; Insular Heritage; Civic Education.

This report results from an internship realized in the City Hall of Angra do Heroísmo. The primary concern was publicizing and aware of the issue of underwater heritage of Angra. Through heritage education, it is possible to establish a bridge between children and adults and their cultural heritage, thus ensuring their safeguard.

The activities carried out, involved all age groups and contributed directly to the safeguarding and valuation of the legacy in the community. The foundation for the beginning of the proposed activities was *Espaço Mar*, created to spread the scientific culture of Azorean seas. This Space was born of the will of three distinct entities, concerned with scientific knowledge at sea level. It was a project that involved students, parents as long as others community members. That allowed the reversal of alienation and lack of social relevance that usually occur in patrimonial matters.

We sought to foster an active process of knowledge, appropriation, and appreciation of the historical and archaeological heritage. In fact, it is our culture that allows us to differentiate from other locations at regional or even national level.

## ÍNDICE

1. Introdução.....	11
1.1. Justificação da escolha da temática e objectivos.....	11
1.2. Enquadramento na instituição.....	12
2. Contextualização histórica.....	14
2.1. Angra: um Porto de Escala na Globalização.....	14
2.1.1. Parque Arqueológico da Baía de Angra.....	17
3. Estado da Arte.....	21
3.1. Educação Patrimonial: definição do conceito.....	24
4. Plano da Intervenção.....	28
4.1. Público-alvo.....	28
4.2. Abordagem metodológica.....	29
4.2.1 1º ciclo de escolaridade: “Arqueólogos por um dia”.....	31
4.2.2. 3º ciclo de escolaridade “Conhecer Angra”.....	35
4.2.3. Um Mergulho no Passado: Snorkeling e mergulho autónomo.....	37
4.2.4. Terceira Idade: visita aos centros de convívio.....	41
4.2.5. Impacto da Intervenção.....	44
5. Análise dos Questionários.....	46
6. Reflexões Finais.....	52
7. Bibliografia.....	55
8. Anexos.....	60
I) Apresentação em suporte PowerPoint para alunos do 1ºciclo	
II) Apresentação em suporte PowerPoint para alunos do 3ºciclo	

## **Lista de Abreviaturas**

CCCAH – Centro Cultural e de Congressos de Angra do Heroísmo

CHAM – Centro de Humanidades da Universidade Nova de Lisboa e da Universidade dos Açores

CMAH – Câmara Municipal de Angra do Heroísmo

DRAC – Direcção Regional da Cultura

## Índice de Figuras

Figura 1: Fotografias e painéis presentes no Espaço Mar.....	13
Figura 2: Plano geral do espaço e simulação do contexto arqueológico terrestre.....	13
Figura 3: Gravura de Jan Huygen van Linschoten (1595).....	16
Figura 4: Lidador.....	19
Figura 5: Actividade escolar teórico-prática no Espaço Mar.....	32
Figura 6: Simulação de uma escavação arqueológica em contexto terrestre.....	33
Figura 7: Realização de fichas de trabalho sobre a actividade realizada.....	34
Figura 8: Palestra na Escola Secundária Vitorino Nemésio.....	36
Figura 9: Palestra na Escola Secundária Jerónimo Emiliano de Andrade.....	36
Figura 10: Comunicação para os participantes da visita em snorkeling ao Lidador.....	38
Figura 11: Preparação do equipamento para visita em snorkeling ao Lidador.....	38
Figura 12: Entrada dos participantes na água para visita em snorkeling ao Lidador.....	39
Figura 13: Apresentação teórica para a segunda visita em snorkeling ao Lidador.....	40
Figura 14: Visita e palestra aos idosos do Centro Social de São Bento.....	42
Figura 15: Recorte do <i>Diário Insular</i> na abertura do Espaço Mar.....	44
Figura 16: Entrevista pessoal no <i>Diário Insular</i> sobre as actividades do Espaço Mar.....	45
Figura 17: Comunicação no Salão Nobre da Câmara Municipal.....	45

## Índice de Tabelas

Tabela 1: Calendarização e número de participantes do 1º ciclo de escolaridade.....	31
Tabela 2: Calendarização e número de participantes do 3º ciclo de escolaridade.....	35
Tabela 3: Calendarização e número de idosos participantes.....	42

## Índice de Gráficos

Gráfico 1: “O Património deve ser valorizado?”.....	46
---	----

Gráfico 2: “Quantos naufrágios identificados existem na Baía de Angra?” .....	47
Gráfico 3: “Que artefactos podemos encontrar no fundo mar?” .....	48
Gráfico 4: “O que faz um arqueólogo?” .....	49
Gráfico 5: “Que actividade gostaste mais de fazer no Espaço Mar?” .....	50
Gráfico 6: “Para onde devem ir os artefactos?” .....	51

# 1. INTRODUÇÃO

O presente relatório é referente ao estágio realizado na Câmara Municipal de Angra do Heroísmo. Este estágio derivou da componente não-lectiva necessária para a conclusão do ciclo de Mestrado em Arqueologia, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

O estágio curricular foi realizado sob a orientação científica do Professor Doutor André Teixeira, bem como co-orientação científica do Dr. José Bettencourt e da Vereadora Raquel Caetano Ferreira.

## 1.1. Justificação da escolha da temática e objectivos

A cidade de Angra do Heroísmo, elevada a Património Mundial em 1983, continua nos dias de hoje - a não ter o devido reconhecimento pela sua população.

A realização do estágio teve como principal objectivo preencher essa lacunha ao nível do interesse público por uma questão tão importante quanto é a nossa cultura. O investimento no património arqueológico pode e deve ser melhorado.

A cidade de Angra tem um elevado potencial arqueológico, nomeadamente ao nível marítimo, pelo que se procedeu à elaboração de um programa de estágio curricular realizado na Câmara Municipal de Angra do Heroísmo.

Este projecto teve assim como objectivo - elaborar um plano de actividades, que conseguisse transmitir à população em geral, qual o património arqueológico existente e a importância da sua preservação.

De forma a complementar o objectivo base, foram ainda estabelecidos outros objectivos suplementares, tais como:

1. Incentivar miúdos e graúdos a compreender e aprender o passado humano;
2. Ensinar a importância dos contextos culturais e dos processos efectuados;
3. Criar uma apreciação pela salvaguarda do património arqueológico;
4. Ilustrar a relevância do papel da arqueologia na sociedade;

Espera-se que estes objectivos contribuam para formar uma população atenta e responsável; para promover a integração social e valorizar o Património e prevenir a salvaguarda dos bens que constituem a nossa herança comum. A Educação Patrimonial deve estar harmonizada com acções de campo para que seja possível a criação de estratégias que permitam a difusão do conhecimento bem como a importância da preservação do património arqueológico.

## 1.2. Enquadramento na instituição

O estágio deste relatório foi elaborado na Câmara Municipal de Angra do Heroísmo e foi orientado pela Sr<sup>a</sup> Vereadora Raquel Caetano Ferreira.

Esta instituição é o órgão executivo municipal e concentra em si todo um conjunto de departamentos e serviços ligados à administração municipal. Tem como competências materiais, “deliberar sobre a concessão de apoio financeiro ou de qualquer outra natureza a instituições legalmente constituídas ou participadas pelos trabalhadores do município, tendo por objeto o desenvolvimento de atividades culturais, recreativas e desportivas, ou a concessão de benefícios sociais aos mesmos e respetivos familiares; Assegurar, incluindo a possibilidade de constituição de parcerias, o levantamento, classificação, administração, manutenção, recuperação e divulgação do património natural, cultural, paisagístico e urbanístico do município incluindo a construção de monumentos de interesse municipal”.

O trabalho realizado vai ao encontro das linhas descritas, uma vez que o *Espaço Mar*, foi criado para o desenvolver actividades culturais e assegurar também a divulgação do património. Além disso, é um espaço que pode ser usufruído pela comunidade e promove a salvaguarda do património para as futuras gerações.

Uma vez que o estágio não foi realizado no edifício da Câmara, importa descrever o Espaço Mar e os seus objectivos. Este Espaço, sito no Porto das Pipas, conta com o apoio da Câmara Municipal de Angra, do Observatório do Mar dos Açores e do Centro de História d’Aquém e d’Além Mar da Universidade Nova de Lisboa. Esta iniciativa surgiu devido à necessidade de se elaborar um plano de actividades que permitisse a valorização do mar e do património concelhio, através da promoção do seu conhecimento científico.



**Figura 1. Fotografias e painéis presentes no Espaço Mar**

É um espaço que conta com diversos painéis informativos e fotografias e vídeos alusivos às escavações arqueológicas realizadas na Baía de Angra.

O que tem sido feito no Espaço Mar permite complementar a educação formal e permite que diferentes faixas etárias, alarguem o seu conhecimento. É nosso dever enquanto arqueólogos, criar projectos dinamizadores que envolvam a população no conhecimento da herança cultural.



**Figura 2. Plano geral do espaço e simulação do contexto arqueológico terrestre**

## 2. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

### 2.1. Angra: um Porto de Escala na Globalização

Tendo em vista a compreensão do projecto, torna-se essencial a devida contextualização histórica que evidencie o importante papel de Angra na navegação transoceânica.

A partir do período moderno, torna-se bastante evidente o papel das ilhas enquanto ponto de escala na navegação transoceânica. Dá-se especial destaque ao porto de Angra como um dos suportes principais dessa navegação. Foi porto de escala obrigatório, ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII, ligando durante quase três séculos, a Europa ao resto do mundo. Ao longo desse período, a prestação de serviços aos navios foi um grande impulsionador da economia (MARTINS, 1998). “Num período de oitenta anos (1518-1598), pelo menos quarenta e duas vezes foi a armada da América assistida nesta escala, guardando em terra, por dezoito vezes, os cofres do ouro e da prata (...)A assistência e protecção dada pela Provedoria das Armadas (...) foi, por diversas vezes, solicitada pela Coroa espanhola (...)”. (MATOS, 1983).

Segundo Gaspar Frutuoso, o facto de passarem muitos navios pelo porto de Angra, leva a que a ilha Terceira tenha um abastecimento reforçado, acabando por transformá-la na cabeça do bispado, da administração e da justiça (FRUTUOSO, 1968: 200). Foi a primeira cidade dos Açores e a verdadeira capital político-administrativa do arquipélago. Na mesma época, foi escolhida pelo Papa Paulo III, para sede da Diocese de Angra, com jurisdição sobre todas as ilhas do arquipélago dos Açores.

Já Linschoten afirmou que Angra era uma baía capaz de receber grandes frotas que quando se recolhiam, teriam ali toda a segurança necessária. As razões que levaram a essa evolução prenderam-se, essencialmente, no facto de Angra ser uma escala obrigatória das rotas marítimas intercontinentais, nomeadamente da Carreira da Índia, que prestaria serviços de reabastecimento e reaparelhamento das embarcações carregadas de mercadorias.

Em 1527, surge a Provedoria das Armadas, tendo como principal função o apoio aos navios portugueses. De facto, a provedoria era responsável pelo auxílio das naus e galeões portugueses que demandassem as ilhas, oriundos da Índia, Brasil e África. A provedoria garantia a sua protecção, através do combate à pirataria (BETTENCOURT,

2008:41). A baía de Angra, protegida a leste pelo Monte Brasil, protegia os navios ancorados da ondulação dominante. Além disso, era protegida pelos ventos de terra e não sofria correntes, o que facilitava a manobra das embarcações. Por outro lado, os ventos de sul e sueste tornavam este ancoradouro perigoso, pelo que foi esta a principal razão da ocorrência de numerosos naufrágios. (BETTENCOURT, 2008:40). Os principais motivos do préstimo da escala em Angra prenderam-se na segurança do ancoradouro, no desenvolvimento económico e na concentração administrativa. Por conseguinte, a coroa acautelou a defesa terceirense tendo como principal preocupação a garantia da projecção euro-ultramarina de Portugal (MENESES,1998: 522).

Nas primeiras décadas do século XVI, a pirataria aparece nos mares dos Açores. Contudo, só pelos anos cinquenta começou a surgir um receio de que as acções de pilhagem pudessem atingir o porto de Angra. Na época, seria notável um desenvolvimento comercial intenso, relacionado com o transporte de especiarias das Índias e de metais das Américas. Assim sendo, no decurso do tempo, a agudização das rivalidades euro-ultramarinas destacou a insuficiência dos meios de defesa do arquipélago. Esta preocupação para as questões militares determinou o intuito por parte de D. João III e de D.Sebastião de fortificar as principais ilhas, redundando na construção dos castelos de São Sebastião, São Brás e Santa Cruz em Angra. A Provedoria das Armadas procedeu à circulação de especialistas militares italianos como Pompeo Ardití e Tommazo Benedetto de Pesaro pelos arquipélagos, tendo em vista a realização de uma rede de fortificações que deveriam proteger os portos, a população e as armadas. Quando surge a Carreira da Índia, surge de igual modo, a necessidade de se proceder à construção de estaleiros navais. Seria aí que os navios podiam abastecer antes de seguirem viagem (MENESES, 1984, MATOS, 1988, BETTENCOURT, 2008:5).

A partir do século XVI começam-se a construir fortificações costeiras, sendo a do Monte Brasil (São Filipe e depois São João Baptista) muito importante para a protecção da baía de Angra e do Fanal (MENESES, 1984, 721-740).



Figura 3. Gravura da cidade de Angra por Jan Huygen van Linschoten (1595)

A estrutura portuária de Angra incluía quatro áreas de fundeadouro: Porto Pipas, área a leste do Monte Brasil, Baía do Fanal e um no exterior do monte (BETTENCOURT, 2008: 40).

É de realçar também que é no século XVI que começa a surgir uma ocupação planeada e já francamente urbana da área baixa e portuária de Angra (FERNANDES, 1989:27). A nível urbano, a cidade de Angra foi-se desenvolvendo cada vez mais, principalmente com o apoio às armadas portuguesas e castelhanas. “É Braga, Braga com mais regularidade nas ruas, mais cal nas paredes, e que lhe deu uma veneta para ser praia, estendendo até à beira-mar os seus conventos e as suas igrejas pesadas, com um forte em cada extremidade.” (BRANDÃO, 1926:9).

O surto demográfico iniciou-se com a introdução do milho grosso, durante o século XVII. No primeiro recenseamento, realizado em 1864, constam 31.300 habitantes, número que não difere muito do actual (GASPAR, Jorge, 1997).

É já no primeiro quartel do século XIX, que se começa a denotar uma redução no importante papel do Porto de Angra, devido ao aparecimento dos navios a vapor, da independência das colónias da América e da concorrência das companhias holandesas e inglesas das Índias Orientais. “Se no passado Angra era por excelência a escala das rotas do Cabo e das Índias Ocidentais, agora a regressão do comércio do Oriente também dibilita a tradicional primazia da ilha Terceira”. (MENESES, 2009:214).

Por consequência, a Horta torna-se em escala prioritária devido ao seu ancoradouro e ao grande desenvolvimento económico (MENESES, 2009:215).

Regista-se ainda neste período, uma quebra demográfica um pouco por todas as ilhas, provocada por uma grave crise agrícola (JOÃO, 1991:29). Relativamente ao peso populacional no arquipélago, “Angra representa apenas 28,6% da população total, em 1900, ou seja, menos 2,4% do que em 1820”. (JOÃO, 1991:29).

Segundo Luz Soriano, Angra ao perder supremacia política, perde também habitantes. Em 1832, teria 12 a 13 mil habitantes, em 1864 deminiu para 11 568 e no início do século XX já só possui 10 788 indivíduos. (JOÃO, 1991:32)

Já a 7 de Dezembro de 1983, Angra foi votada favoravelmente pelo Comité do Património Mundial para ser incluída na lista do Património Cultural da Humanidade, devido à riqueza do seu património edificado. Em 1984, o Governo Regional dos Açores classificou o centro de Angra do Heroísmo como Monumento Regional (BRETÃO, José Noronha, 1999).

Todavia, há um património que passa despercebido por não estar à vista de todos: o património subaquático.

### 2.2.1. Parque Arqueológico Subaquático da Baía de Angra

A principal preocupação deste relatório baseou-se na divulgação do Parque Arqueológico Subaquático. Embora ainda seja do desconhecimento geral, trata-se de um núcleo arqueológico criado pela Direcção Regional da Cultura, estando acessível ao público desde 2006. O que resta desta imensidão de património subaquático tem sido estudado pelo Centro de Humanidades da Universidade dos Açores e da Universidade Nova de Lisboa. Desde 2006, tem sido posto em prática um programa de estudo e monitorização dos sítios arqueológicos. Com o estudo dos naufrágios, conseguimos reunir dados sobre a construção naval, a vida a bordo, as rotas atlânticas e o papel de Angra nessas rotas. De facto, se fosse possível mapear todos os naufrágios atestados na documentação passaríamos dos 13 naufrágios identificados para 40 ou 50.

Os sítios de mergulho de eleição do Parque Arqueológico, são o *Lidador* e o *Cemitério das Âncoras*. A ilha tem muito a ganhar com o nosso passado e por essa razão, torna-se cada vez mais urgente dar o devido valor aos sítios arqueológicos que revelam a importância estratégica da cidade de Angra ao longo dos séculos.

A baía de Angra conta com diversas âncoras distribuídas ao longo da costa vulcânica do Monte Brasil. O Cemitério das Âncoras possui cerca de 44 exemplares, com cronologias que vão do século XVI ao século XX. A profundidade a que estas âncoras se encontram, varia da cota de 22 metros em uma zona de pedras, até alcançar os 32 metros de profundidade, numa zona de areia (CHOUZENOUX,2011).

Importa realçar que a âncora é um excelente indicador da tonelagem, origem e cronologia dos navios. Além disso, durante muitos séculos, foi considerada como sendo a peça forjada mais pesada transportada a bordo. (CHOUZENOUX,2011).

Podemos afirmar que estas âncoras são um testemunho, por exemplo, de erros na ancoragem, cometidos por comandantes não familiarizados com as características do fundo vulcânico da baía. Os comandantes faziam manobras nas embarcações em dificuldades e na iminência de um naufrágio, cortavam as amarras, em busca da proteção do mar alto. Com essa manobra, contavam escapar aos perigosos ventos de Sul e Sudoeste ou coloquialmente conhecido por vento carpinteiro. Este vento atirava os navios contra a costa, o que destruíra grande parte das madeiras dos navios que mais tarde seriam reaproveitadas em edificações pela cidade.

Outro dos sítios arqueológicos mais significativos da baía é, sem dúvida, o *Lidador*. É importante fazermos uma breve contextualização histórica para percebermos a história do navio. O êxodo populacional iniciou-se em 1617, com a colonização do Maranhão, Pará e Ceará. Isto deveu-se à necessidade que o reino sentia em ocupar um território, extremamente cobiçado pelas grandes potências europeias. A própria Coroa incentivou a partir de 1670, a ida de açorianos para o sul da colónia, nomeadamente Santa Catarina, Nossa Senhora do Desterro, Porto Alegre e São Pedro do Rio Grande. Esse êxodo prolongou-se até aos finais do século XIX, mesmo depois da independência do Brasil. Essa emigração fazia-se essencialmente, através de carreiras transatlânticas regulares, que eram mantidas entre o Brasil e os Açores. Um dos navios dessas viagens seria o *Lidador*, uma embarcação típica da época de transição entre os navios à vela e os navios a vapor (MONTEIRO, 2007).

O *Lidador* foi construído em 1873, em Londres, nos estaleiros navais ingleses William Walker & Co. Entrou ao serviço da Companhia Brasileira de Navegação Transatlântica, ficando registado no porto do Rio de Janeiro. A companhia tinha que

transportar anualmente dez mil emigrantes sendo que a maior parte seriam artífices e trabalhadores rurais.

O *Lidador* era um navio em vapor de casco em ferro com cerca de 78 metros de comprimento, 9.44 metros de boca e 6.85 metros de calado. Possuía ainda dois mastros. Na imagem: mastro do traquete com quatro panos e um mastro grande com três.

Possuía quatro compartimentos internos, dois conveses e tinha 1208 toneladas registadas de arqueação. O seu único hélice era propulsionado por um motor a vapor de 140 cavalos de potência, construído por J. Penn & Son, de Londres.

O navio naufragou a 7 de Fevereiro de 1878 quando se preparava para ir para o Brasil com emigrantes açorianos.

Actualmente, o *Lidador* encontra-se fragmentado, com os bordos quebrados e a popa torcida para estibordo. Ainda apresenta o veio de transmissão e o seu local de passagem ainda visíveis por entre as pedras de lastro, na parte posterior. Mais à frente, é visível também um aglomerado de destroços, formado por tubos e placas encurvadas de ferro, assinalando a presença do que resta das caldeiras.

Uma característica surpreendente prende-se no facto de o *Lidador* carregar uma enorme quantidade de lastro de pedra no porão de vante. Um lastro de ferro, cimento ou chumbo seria mais compacto e libertaria mais espaço nos porões.

Este naufrágio foi estudado numa primeira instância pelo Institute of Nautical Archaeology (INA) e tornou-se parte integrante do Parque Arqueológico Subaquático (MONTEIRO, 2007).



Figura 4. *Lidador*

Ainda no Parque Arqueológico Subaquático, podemos destacar o naufrágio *Angra B*. Após o estudo deste navio, foi possível perceber que o mesmo possui características de embarcações típicas de tradição ibero-atlântica dos séculos XVI e XVII (OERTLING, 2001, BETTENCOURT, 2013:251). Os materiais encontrados confirmaram a origem espanhola do navio, bem como a cronologia. Dentro dos artefactos encontrados, destacam-se as escudelas e pratos em majólica branca. (OERTLING, 2001, BETTENCOURT, 2013:252). Os estudos apontam para a possibilidade de o *Angra B* ser um navio espanhol da Carreira da Índia (OERTLING, 2001, BETTENCOURT, 2013:252).

Em 1998, a Baía de Angra sofreu uma intervenção de emergência devido à construção de uma marina e essa intervenção expôs dois naufrágios, designados como Angra C e D. Por ser um caso urgente, os dois cascos foram retirados bem como o respectivo espólio. Acerca do Angra C, concluiu-se após uma preliminar investigação, que seria um navio de origem nórdica, construído entre o século XVI e o XVII. (MONTEIRO, 1999: 239). Já no estudo do naufrágio Angra D, conclui-se que seria um navio ibérico, provavelmente espanhol dos inícios do XVII. Importa ainda salientar que naufrágio constitui uma das maiores manchas de naufrágio, apresentando aspectos únicos como a cobertura integral por terços de chumbo e a presença de balizas de reforço (MONTEIRO, 1999: 259).

### 3. ESTADO DA ARTE

Em primeira análise, é importante referir que o me propus a fazer é algo que não tinha sido realizado na ilha Terceira. No entanto, existem algumas iniciativas do Serviço Educativo do Museu de Angra do Heroísmo em abordar temáticas como os Descobrimentos, realizando actividades que complementem as exposições permanentes e temporárias patentes no museu. Todavia, penso que foi importante estender essa abordagem e para isso baseei-me em modelos aplicados em Portugal Continental e ilhas, e também no estrangeiro, no que concerne à valorização e educação patrimonial.

A equipa de arqueologia do CHAM tem desenvolvido diversas acções, no que respeita a transmitir o conhecimento adquirido nas suas investigações. Na Horta, foram realizadas palestras, bem como uma visita guiada aos materiais recuperados da Baía. Este centro de investigação realizou também workshops em Cascais que permitiram aos mais jovens “reproduzir algumas das técnicas e as metodologias apresentadas” (BETTENCOURT, 2012:246). Criaram-se também as condições para uma exposição denominada “Histórias que vêm do Mar” e que foi produzida em colaboração com o Observatório do Mar dos Açores e o Museu da Horta. Parte dessa exposição encontra-se agora disponível no Espaço Mar, onde decorreu este estágio.

Podemos considerar o Centro de Arqueologia de Almada como pioneiro na divulgação da importância do património como herança comum. Têm sido feitas inúmeras campanhas de sensibilização para a importância da Arqueologia que englobam actividades práticas com crianças, como campos de simulação arqueológica e visitas guiadas aos monumentos históricos. O Núcleo Museográfico do Casal da Falagueira na Amadora proporciona, igualmente, diversas actividades como visitas guiadas ao Património Histórico e Arqueológico do Município, bem como a realização de palestras a um público geral.

O Ecomuseu Municipal do Seixal é também uma entidade que procura a participação das comunidades na protecção e valorização do património. Este museu

tem desenvolvido esforços no que concerne ao envolvimento escolar em questões relacionadas com o património, através da realização de exposições e ateliês temáticos.

Atente-se que a temática da educação patrimonial tem ocupado cada vez mais os fóruns de discussão da Arqueologia. Torna-se essencial, que a par da difusão do conhecimento, haja preservação daquilo que foi transmitido. Cabe-nos a nós como arqueólogos, preocuparmo-nos com essa divulgação, tendo o intuito de zelar pela nossa herança.

A nível regional e nacional, realça-se a criação de um manual de materiais didáticos para professores acerca do património cultural subaquático. Este kit educativo contou com o apoio da UNESCO, do Centro Internacional de Eco-Hidrologia Costeira da UNESCO e do Centro de Humanidades da Universidade Nova de Lisboa e da Universidade dos Açores. Esta iniciativa permitiu sugerir actividades destinadas a professores e alunos, o que levou a uma melhor compreensão do conceito de Património e de como preservá-lo. O manual aqui mencionado, inclui ainda uma explicação sobre o Parque Arqueológico Subaquático da Baía de Angra e uma ficha de actividades para o aluno apresentar uma pesquisa acerca do Parque.<sup>1</sup>

No contexto internacional, são incontáveis os programas existentes relativos à valorização da herança cultural. Por exemplo, na Turquia, existe um programa designado por “Archeo-Kid Project Team” e que abrange jovens dos 10 aos 18 anos. Este programa permitiu criar uma consciência e sentido de responsabilidade para com o património, por parte dos jovens que irão formar a sociedade no futuro (KULCU;HURMUZLU,2013:2). Nas escolas, as actividades relacionadas com arqueologia envolveram momentos de representação, concursos, workshops e visitas a museus. Além disso, ainda elaboraram um *site* para que os pais também pudessem ser envolvidos no projecto (KULCU;HURMUZLU,2013:3). Aquando das conclusões do projecto, os investigadores concluíram que as actividades de cultura e arqueologia, resultam melhor em crianças (KULCU;HURMUZLU,2013:5).

---

<sup>1</sup> Comissão Nacional da UNESCO (2012) – Kit Educativo Património Cultural Subaquático, p.93.  
[http://www.unesco.org/culture/underwater/pdf/Kit\\_Educativo\\_PCS\\_protegido.pdf](http://www.unesco.org/culture/underwater/pdf/Kit_Educativo_PCS_protegido.pdf)

Ainda no contexto internacional, viajamos até à Islândia. No Nordeste, foi criado em 2007, um projecto que tem como objectivo conectar empresas, instituições e indivíduos em prol de uma consciência patrimonial (INGASON, 2009:2). O “The Kids’ Archaeology Program” criou uma escola de verão onde adolescentes tiveram a oportunidade de trabalhar em campo com arqueólogos. Deste modo, tiveram contacto directo com estudantes de mestrado e doutoramento, bem como profissionais da área. Através do programa, experimentaram desenho, fotografia e registo arqueológico (INGASON, 2009:3).

A organização “English Heritage”, sita no Reino Unido, tem como prioridades “Inspirar, Envolver, Conservar”. Há, de facto, uma preocupação em inspirar a comunidade a envolver-se na sua herança cultural para que seja possível a conservação e valorização dos artefactos. No site desta organização, podemos encontrar diversos kits para os professores. Esses kits possuem informação histórica, sugestões de atividades e fotografias para que se possam preparar as visitas aos monumentos históricos.<sup>2</sup>

Segundo os membros desta instituição, os estudantes precisam de visitar os lugares para compreenderem a história dos mesmos. Por essa razão, foram elaboradas atividades envolventes e enriquecedoras para o maior número possível de crianças em idade escolar. Dessa forma, é como se conseguissem dar vida aos momentos históricos.

---

<sup>2</sup> Retirado do site: <https://www.english-heritage.org.uk/learn/teaching-resources/>

### 3.1. Educação Patrimonial: definição do conceito

Entende-se que a educação patrimonial trata-se de um “processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Património Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho de Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural”. (GRUMBERG, 1996:6).

Deste modo, os objectivos principais da educação patrimonial envolvem:

1. “Desenvolver atitudes de preservação e animação do Património;
2. Conhecer o património da zona em que a escola está inserida;
3. Incentivar o gosto pela descoberta;
4. Compreender a História Nacional a partir da História Local.” (GRUMBERG, 1996:11).

A partir do momento que a comunidade possui espírito crítico e conhece o seu património, isso torna-se uma mais-valia para a preservação dos bens culturais e fomenta o sentimento de identidade e pertença. Ou seja, o indivíduo pode fazer uma leitura do mundo que o rodeia e assim compreender o ambiente socio-cultural onde se encontra inserido. Neste processo educacional, é imprescindível a criação de parcerias que permitam a troca de conhecimentos e por conseguinte, facilitem a comunicação com a sociedade.

A metodologia em Educação Patrimonial pode ser aplicada a qualquer evidência material ou manifestação da cultura. Ou seja, pode ser um ou mais objectos, um único monumento ou até mesmo um sítio arqueológico (GRUMBERG, 1996:11).

Nos museus, há um serviço fundamental para a ligação entre a instituição e a comunidade – o serviço educativo. O Museu de Angra do Heroísmo possui esse serviço e de facto é essencial para estabelecer ligações com os diversos públicos. É importante

estabelecer uma relação pessoal entre o visitante e o espaço que se visita. Ou seja, entrar num museu com uma visita guiada reporta-nos ao passado de forma muito mais elucidativa e peculiar. Não estamos apenas a observar os objectos mas sim, a viajar no tempo, visualizando o modo de vida da época.

Tal como o museu, o Espaço Mar tem um papel importante a desempenhar na sociedade em que está inserido. Esse papel acaba por ser activo, interveniente e mobilizador. É de salientar, a relação com a escola. É necessário haver um complemento ao que se lecciona em ambiente escolar. Com a educação patrimonial, os mais jovens sentem-se integrados num legado comum.

No meio escolar, disciplinas como o Estudo do Meio e Educação Cívica são muito importantes pois permitem a - formação de uma opinião pública e a transmissão das regras de acesso e fruição do património. Se desde cedo, as crianças forem trabalhando nessa temática, mais tarde isso reproduzir-se-á num papel mais activo e solidário para com a preservação do património.

Segundo Helena Pinto, “a Educação Patrimonial deve desenvolver nos jovens, o sentimento de responsabilidade em relação ao património, bem como um sentimento de pertença à herança cultural que permita uma melhor compreensão do presente.” (PINTO, 2011:9).

O trabalho nas escolas permite a salvaguarda das tradições e cria a oportunidade de consciencializar os mais novos para a importância da preservação e valorização do património. Torna-se necessário a criação de projectos educativos que incluam actividades que visam a aproximação das comunidades escolares à memória colectiva da sua cidade.

Tal como afirma Maria de Lourdes Horta, é desde a infância que se pode e deve começar o processo de consciencialização da herança cultural pois é nessa altura que o cérebro se encontra mais receptível a novas ideias. “Temos o caso bem sucedido do Museu de Setúbal que criou um Serviço de Extensão Cultural, organizado em três vertentes: formação artística, educação patrimonial e intervenção lúdica. Os grupos etários que têm usufruído dessa formação vão desde os três anos à terceira idade.” (GRUMBERG, 1996:9).

Uma das grandes preocupações durante este estágio curricular foi cativar os jovens fora do ensino oficial regulamentado, o que passou pela realização de uma

educação informal. Segundo Isabel Barca, “os jovens podem e devem envolver-se ativamente num processo de construção das suas identidades individuais e coletivas numa perspectiva de diálogo intercultural e humanista, respeitando os valores patrimoniais de outros povos, lugares e culturas mas sem abdicar das suas próprias.” (BARCA, 2015).

Não há dúvidas de que o património é um factor que permite diferenciar um país dos restantes. A educação patrimonial aumenta a vontade dos jovens e adultos em questionar-se pelo que está à sua volta. Neste sentido, surge o conceito de pertença a um determinado sítio – a um legado comum.

De acordo com Nayra Molina, “la educación patrimonial ofrece grandes potencialidades respecto a una educación ciudadana plena. Trabajar con el patrimonio no solo permite articular objetivos y competencias del currículum, sino que facilita conexiones inter y transdisciplinares que fomentan desarrollar estas habilidades de comprensión y conexión en el alumnado.” (MOLINA, 2015:40).

Ou seja, através da educação patrimonial, consegue-se estabelecer uma ponte entre os miúdos, os graúdos e a sua herança cultural. Essa ponte garante uma sustentabilidade futura que cresça e dê oportunidade a novos usufrutos.

“As recentes investigações em Educação Histórica têm evidenciado uma valorização crescente em temáticas do património e na promoção de “literacia patrimonial”, o que tem contribuído para uma afirmação da Educação Patrimonial como área de investigação. Em termos metodológicos o contacto com fontes patrimoniais contribuí para fomentar a Consciência Histórica e Patrimonial”. (PINTO, 2011).

Além dos jovens, a realização deste estágio permitiu também chegar ao público adulto e sénior. Como paralelo, temos o caso do museu D. Diogo de Sousa, sito em Braga. Este museu tem contribuído como agente de desenvolvimento cultural e social da comunidade em que se encontra inserido. Tal como o *Espaço Mar*, este museu tem como público-alvo, os idosos de Lares, Centros de Convívio e de outras associações culturais. Os objectivos são semelhantes aos apresentados neste relatório, tais como “promover nos idosos o sentimento de participação, inclusão, responsabilidade, autonomia e sentido reflexivo através de atividades educativas, recreativas e/ou

culturais que estejam ou não ligadas ao estudo arqueológico e às coleções do MDDS.”  
(JESUS, 2016).

## 4. PLANO DE INTERVENÇÃO

### 4.1. Público-alvo

Durante este estágio curricular e tendo sempre em conta os objectivos, foi escolhido um público-alvo que abrangesse as diversas faixas etárias, nomeadamente o 1º e o 3º ciclo de escolaridade, a população adulta e a população sénior.

Torna-se importante que na transição de ciclos de estudos, os mais jovens sejam alertados para aquilo que os rodeia. Considera-se que uma visita de estudo ao *Espaço Mar* seja um meio de complementar aquilo que foi leccionado no período de aulas. Esbelece-se assim um diálogo entre a comunidade educativa e o contexto patrimonial. Ao levar as crianças ao Espaço Mar, estamos a aproximá-las do património subaquático.

Deu-se primordial importância aos alunos do 3º e 4º ano de escolaridade, com idades compreendidas entre 8 e os 10 anos. O projecto de Educação Patrimonial designou-se por “Arqueólogos por um dia”. Os mais novos têm curiosidade sobre esta profissão invulgar e anseiam por descobrir mais sobre o que é estudado.

Relativamente à população adulta, a atividade abrangeu o público em geral. No entanto, uma vez que na atividade em snorkeling existe a utilização de equipamento adequado e existem alguns cuidados a ter quando se faz mergulho em apneia, só foram aceites maiores de 14 anos.

A escolha da população sénior dependeu dos centros inseridos no programa Haja Saúde, iniciativa da CMAH.

## 4.2. Abordagem metodológica

O processo desta acção educativa desenvolveu-se segundo as etapas metodológicas defendidas por Maria de Lourdes Horta, sendo as mesmas: Observação; Registo; Exploração e Apropriação.

Horta (2003, p.2), explica a ideia de processo activo contida na metodologia:

“A estrutura da metodologia é concebida em etapas que se caracterizam por diferentes recursos pedagógicos, com objetivos definidos para cada uma delas. Embora ordenadas e roteirizadas, elas podem também ocorrer simultaneamente, dependendo da avaliação da dinâmica usada e das respostas do público envolvido. As etapas projetadas são observação, registo, exploração e apropriação, detalhadamente descritas na publicação do Iphan intitulada Guia Básico de Educação Patrimonial, de 1999. Formulada com o intuito de orientar as ações educacionais na área patrimonial, a proposta considera que os artefatos ou evidências da cultura carregam uma multiplicidade de aspectos e significados, atribuídos no contexto de sua produção, que precisam ser deslindados e articulados com a vida contemporânea, numa atualização de seus sentidos.”

No decorrer da investigação, optou-se pela abordagem metodológica “Investigação-Ação Participativa”. Este método possui uma interacção directa com o público-alvo tendo em vista o conhecimento das suas necessidades para ser possível estabelecer objectivos. Como fontes de dados utilizou-se as que se consideram típicas de uma “Investigação-Ação Participativa” (Bogdan & Biklen, 1994): os documentos, as observações, os registos e os questionários.

As acções desenvolvidas no Espaço Mar vão desde o acolhimento dos visitantes, visitas guiadas, oficinas temáticas para miúdos que incluem simulações de escavações arqueológicas e outras atividades para todos os tipos de público. A programação dessas atividades depende dos critérios de idade, grau de escolaridade, objectivo da visita, grupos organizados de instituições do ensino primário ou secundário ou mesmo grupos de turistas. Usando o método da investigação-ação participativa, as atividades devem ser adequadas aos gostos e interesses do grupo.

Também a teoria de Vigotsky pode fundamentar o trabalho atual das instituições que defendem a aprendizagem baseada na interacção social a partir da observação e da

experimentação. Segundo Chadwick & Stannett (1995:98), as teorias de aprendizagem desenvolvidas por Dewey ou Vigotsky, mostram-nos como as pessoas aprendem ao construírem significados para elas próprias através das suas experiências. “Such learning is an active process – the learner needs to do something, to use the senses, to engage with the world. It involves thought, language, a context of existing knowledge and understanding. It is not a mere passive acceptance of something prepackaged and ‘out there’. It follows that museums which are designed to enable varied sensory experiences will become enablers of learning and potentially a rich resource for the educator of adults. But constructivist theory also sees learning as a social and cultural activity.”

Num primeiro momento, foi realizado o processo de observação onde foram realizados exercícios que permitissem ter uma noção do conhecimento dos alunos sobre o tema apresentado. O registo foi também uma etapa fundamental para entender quais os conhecimentos adquiridos pelas crianças durante a apresentação. No final, os jovens já demonstravam sinais de apropriação e gosto pela herança cultural.

No final da apresentação dos dispositivos, foi utilizado um vaso cerâmico para servir como exemplo de artefacto aos mais novos. Em torno desse objecto, foram realizadas as mesmas etapas acima descritas. Ou seja, na *observação*, foram feitas as seguintes perguntas: De que material é feito? Qual a sua cor? Qual a forma? Qual a função? No *registo*, os jovens desenharam o objecto e anotaram todas as observações acerca do que achavam relevante no estudo desse artefacto. Já na *exploração*, tentei que os alunos tentassem descobrir mais acerca do objecto através do que já tinha sido mostrado num vídeo sobre as campanhas arqueológicas na Baía. No final, os alunos já mostravam preocupação pelo objecto e pela herança cultural que dele advém. Para os alunos, seria fundamental a peça ser exposta no museu e protegida pelas devidas entidades.

A programação das actividades só foi possível com o apoio dos professores, consoante a sua disponibilidade. Além disso, os mesmos requisitaram trabalhos de casa que dessem continuidade ao que foi transmitido para que também a informação chegasse aos encarregados de educação. Através dos mais novos, é possível divulgar o património aos mais velhos.

#### 4.2.1. 1º ciclo de escolaridade: “Arqueólogos por um dia”

##### - Calendarização das actividades

Setembro	Contacto com as escolas, marcação das actividades  Observação do programa lectivo
Outubro/Novembro	- Escola de São João de Deus , 3º ano de escolaridade (6 de Outubro de 2016).  Participação de 15 alunos  - Colégio de Santa Clara, 4ºano de escolaridade (7 de Outubro de 2015)  Participação de 18 alunos  - Colégio de Santa Clara, turma B do 4ºano de escolaridade (12 de Outubro de 2015)  Total de 14 alunos  - Escola da Carreirinha, 3º e 4º ano de escolaridade  Participação de 41 alunos  - Escola Infante D. Henrique, 3º e 4ºano de escolaridade (11 de Novembro de 2015)  Participação de 46 alunos  - Centro Social de São Bento  Participação de 18 alunos  - Ginásio Da Vinci  Participação de 12 alunos

	<p>- Actividade aberta nas festas profanas “Sanjoaninas”</p> <p>Participação de 51 crianças</p> <p>Total de: 215 alunos</p>
--	---

**Tabela 1. Calendarização e e número de participantes do 1ºciclo de escolaridade.**

Descrição da actividade:

A actividade com os alunos do 3º e 4º ano de escolaridade realiza-se no Espaço Mar. Numa primeira instância, é feita uma apresentação teórica em PowerPoint que explica o que é a Arqueologia e o papel do arqueólogo em sociedade. São explicados os conceitos de Arqueologia, Arqueólogo, Artefacto, Património, Museu. Além disso, é importante que os alunos entendam o quotidiano de um arqueólogo tanto em meio terrestre como em meio aquático. É explicada também a importância do património, incidindo acerca do património subaquático. Explica-se, numa linguagem simplificada, a história da Baía e os naufrágios existentes. Posto isto, é mostrado um vídeo realizado pelo CHAM, dos trabalhos arqueológicos realizados na Baía de Angra (Campanha de 2012, naufrágio Angra B).



**Figura 5. Actividade escolar teórico-prática no Espaço Mar.**

Numa segunda instância, os alunos são divididos por grupos para que todos possam experimentar as diferentes fases da parte prática. Na caixa de areia fica um grupo de 5 crianças que pode experimentar as ferramentas utilizadas por um arqueólogo em contexto profissional (colherim, pincel, pá e balde). São escondidos objectos que fingimos ser artefactos para que as crianças possam identificar.



**Figura 6. Simulação de uma escavação arqueológica em contexto terrestre.**

Na rua, encontram-se duas piscinas insufláveis com areia e água. Os alunos usam apenas as mãos para encontrar os artefactos mas é-lhes dada a oportunidade de experimentar uma máscara de mergulho e barbatanas.

Quando encontram os artefactos em barro, é-lhes pedido que façam o devido desenho arqueológico. Nesta tarefa, os participantes fazem primeiro a respectiva descrição do objecto (cf.anexo) e depois utilizam a régua para fazer as respectivas medições. Só depois deste processo, começam a desenhar. Deste modo, os alunos conseguem perceber porque é tão importante o registo arqueológico.

Posto isto, é realizada uma ficha de trabalho (cf.anexo), para que possam assimilar os conhecimentos adquiridos e para que se consiga depreender os resultados da actividade. Além disso, dispomos de desenhos para colorir com temas adequados ao Espaço Mar (cf.anexo).



**Figura 7. Realização de fichas de trabalho sobre a actividade realizada**

#### Objectivos:

1. Ajudar os alunos a compreenderem e aprenderem o passado humano.
2. Ensinar a importância dos contextos culturais e dos processos efectuados.
3. Criar uma apreciação pela salvaguarda do património arqueológico.
4. Ilustrar a relevância do papel da arqueologia na sociedade.
5. A simulação de uma escavação arqueológica permite aos alunos experimentar a realidade, desenvolver uma maior compreensão dos conceitos, processos e métodos utilizados na investigação arqueológica.

Tempo previsto: 1h30

Recursos utilizados: Projector e tela; Caixa de areia (colherim, pincel, pá, balde); Duas piscinas insufláveis; Máscara de mergulho e um par de barbatanas; Exemplos de “artefactos”: vasos cerâmicos para representar a loiça do quotidiano; colares, brincos e pulseiras para representar a joalheria; blocos de desenho; Lápis; Borracha; Régua.

Análise geral: Os alunos têm muito interesse na apresentação teórica e uma vez que desconhecem o tema, colocam muitas questões pertinentes. A actividade preferencial é a das piscinas.

#### 4.2.2. 3º ciclo de escolaridade: “Conhecer Angra”

Calendarização das actividades:

<b>Outubro</b>	Contacto com os professores Observação do programa lectivo Marcação das actividades
<b>Novembro</b>	- Palestra a quatro turmas ( duas do 10º, uma do 11º e uma do 12º ano de escolaridade). Escola Secundária Vitorino Nemésio Participação de 90 alunos  - Palestra a quatro turmas, acerca da importância da Arqueologia e do Património, incidindo sobre a cidade Património Mundial e sobre o Parque Arqueológico Subaquático (uma do 10º, duas do 11º e uma do 12º de escolaridade) – 9 de Novembro de 2016. Escola Secundária Jerónimo Emiliano de Andrade Participação de 75 alunos  Total de 165 alunos

**Tabela 2 – Calendarização e número de alunos participantes do 3º ciclo de escolaridade.**

A actividade com o 3º ciclo de escolaridade, denominada por “Conhecer Angra” foi realizada com duas visitas às escolas secundárias da ilha Terceira.

Descrição da actividade: Foi apresentado um PowerPoint que deu as noções de Arqueologia e do papel do arqueólogo na sociedade. Esta apresentação incidu também sobre o património subaquático e a importância da Baía de Angra. Além disso, foi

também feita uma contextualização da cidade e da sua história de forma a criar paralelos.

Objectivos: Desmitificar e demonstrar o trabalho de um arqueólogo.



**Figura 8. Palestra na Escola Secundária Vitorino Nemésio**



**Figura 9. Palestra na Escola Secundária Jerónimo Emiliano de Andrade**

### 4.2.3. Um Mergulho no Passado: Snorkeling e mergulho autónomo

No decorrer deste estágio, apercebi-me que existia um interesse crescente pelo património subaquático de Angra mas paralelamente, a existência de uma frustração por parte dos habitantes devido à impossibilidade de visitar os sítios arqueológicos. Deste modo, foi essencial a marcação de uma visita em apneia/snorkeling ao *Lidador*. Esta actividade já teria sido realizada anteriormente pelo CHAM, tendo ocorrido um impacto positivo na população.

Em apneia/snorkeling, o mergulhador utilizada apenas uma máscara com tubo de respiração e umas barbatanas. No caso em específico da visita ao *Lidador*, os participantes utilizaram também o fato de mergulho. Esta prática só é bem sucedida quando a transparência do mar o permite. Felizmente, as condições marítimas da Baía de Angra são excepcionais e a transparência da água permitiu que se observasse com toda a clareza, todo o navio e apenas à superfície. Segundo os participantes, esta visita foi uma excelente oportunidade para inúmeras pessoas que não possuem certificado em mergulho autónomo (de garrafa) mas têm muito interesse em conhecer/ver o seu património.

Na marcação destas actividades, foi imprescindível o apoio dos centros de mergulho *Arraia Divers* e *Octopus*, pois ambos disponibilizaram equipamento e apoio durante a visita.

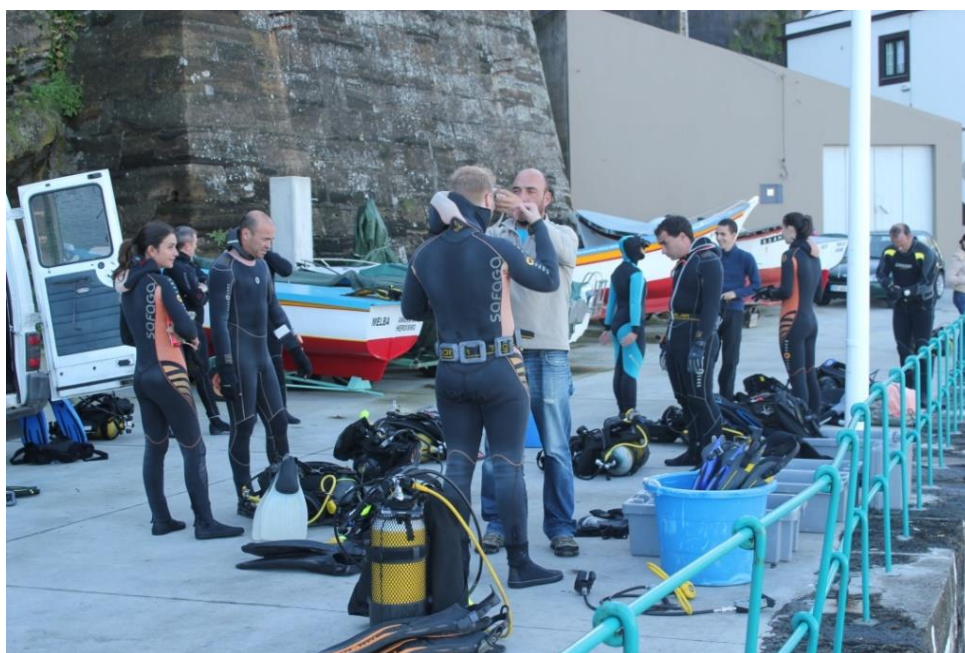
Esta atividade foi divulgada através do Departamento de Desporto da Câmara Municipal e através da criação de um evento nas redes sociais. Foi necessário uma inscrição prévia onde os participantes enviaram os dados relativos à sua altura, peso e tamanho do calçado, para efeitos logísticos. Este evento recebeu também mergulhadores de garrafa certificados que desconheciam o sítio arqueológico.

Descrição da actividade: Numa primeira instância foi realizada no Espaço Mar, uma comunicação que permitiu contextualizar o sítio arqueológico. A explicação teórica antes do mergulho é fundamental para que os participantes entendam o que vão ver e o significado histórico e cultural do naufrágio.



**Figura 10. Comunicação para os participantes da visita em snorkeling ao Lidador**

Na segunda parte da actividade, o ponto de encontro realizou-se no Cais da Figueirinha, onde os centros de mergulho distribuíram o equipamento e fizeram um pequeno briefing com as medidas de segurança a serem cumpridas durante a visita.



**Figura 11. Briefing e preparação do equipamento para visita em snorkeling ao Lidador**

É na terceira parte que os participantes entram dentro de água e percorrem a nado cerca de 20 metros, em direcção ao naufrágio.



**Figura 12. Entrada dos participantes na água para visita em snorkeling ao Lidador**

Objectivos: Divulgar o Parque Arqueológico Subaquático de Angra e sensibilizar para a importância histórica do navio.

Dificuldades: As dificuldades de maior relevância nesta atividade, foram logísticas e de teor meteorológico. No sentido logístico, os centros de mergulho disponibilizaram o equipamento mas infelizmente, não houve material suficiente para incluir todas as inscrições. Para este evento, inscreveram-se cerca de 40 pessoas, sendo que só houve oportunidade de participarem 20 pessoas.

Houve, no entanto, uma segunda tentativa e até uma terceira para que os restantes pudessem participar. Infelizmente, numa das vezes as fracas condições meteorológicas não o permitiram e na terceira vez, foram as águas-vivas que impediram o mergulho. É certo que existe uma certa protecção tendo o fato de mergulho mas existem sempre elementos expostos como a face e neste caso, as mãos.

Tempo previsto: 20 minutos para a comunicação, seguida de 1h de mergulho em snorkeling/apneia.



**Figura 13. Apresentação teórica para a segunda visita em snorkeling ao Lidador**

#### 4.2.4. Terceira Idade: visita aos centros de convívio

No âmbito do programa “Haja Saúde”, iniciativa da Câmara Municipal de Angra, foi possível visitar diversos centros de convívio e fazer uma apresentação acerca do nosso património subaquático. O programa “Haja Saúde”, visa a promoção de um estilo de vida saudável entre a população sénior, incentivando para a prática de exercício, físico e mental.

Não foi possível uma visita de todos os centros de convívio ao Espaço Mar, devido às debilidades dos idosos. Contudo, o Centro de Convívio da freguesia de Santa Bárbara teve oportunidade de fazer essa visita e conhecer o Espaço. De acordo com os membros da Direcção desse Centro, é muito importante esta alteração de rotina que permite aos idosos desfrutar de um dia diferente e educativo.

O envelhecimento é um fenómeno que incentiva a educação de adultos, na medida em que é de esperar que as gerações mais velhas procurem educação, formação, ocupação. São vários os programas que desenvolvem o conceito de educação comunitária. Deste modo, a comunidade torna-se capaz de resolver os seus problemas, determinando o desenvolvimento de determinadas temáticas e o melhoramento da qualidade de vida (Dias, 2009:21). A educação necessária permite aos idosos participar e tomar consciência da realidade envolvente, criando espírito de iniciativa. No caso em estudo, os idosos desconheciam a sua herança cultural e após a palestra, mostraram-se interessados em preservar o património.

Descrição da actividade: Esta actividade contou com uma apresentação em formato PowerPoint e a apresentação de um vídeo relativo à campanha arqueológica no naufrágio Angra B.

Tempo previsto: 60 minutos

Recursos utilizados: Tela e Projector cedidos pelo Centro Cultural e de Congressos de Angra do Heroísmo.

Análise geral: Foi possível constatar a existência de diversas curiosidades de centro para centro. Por exemplo, o Centro Social de São Gonçalo, sito no centro histórico da cidade de Angra, demonstrou um conhecimento elevado acerca do património angrense. Já o

Centro Social de São Mateus, freguesia sita junto ao mar e com elevada tradição de pescas, participou na actividade, ao demonstrar que conheciam as espécies animais que surgiram no vídeo demonstrado.



**Figura 14 – Visita e palestra aos idosos do Centro Social de São Bento**

Foram realizadas visitas a 8 instituições, entre as quais:

Fevereiro/Março	Centro Social de São Bento
	Participação de 40 idosos
	Centro Social de Santa Luzia
	Participação de 15 idosos
	Casa do Povo do Porto-Judeu
	Participação de 23 idosos
	Casa de Povo da Feteira
	Participação de 20 idosos
	Centro Social de São Mateus
	Participação de 33 idosos

	Centro Social de São Gonçalo Participação de 16 idosos
	Centro Social da Ribeirinha Participação de 17 idosos
	Centro de Convívio de Santa Bárbara (visita ao Espaço Mar) Participação de 19 idosos
	Total: 183 idosos

**Tabela 3. Calendarização e número de idosos participantes**

## 4.2.5. Impacto da Intervenção na comunidade local

Durante este estágio curricular, tornou-se imprescindível o apoio dos órgãos de comunicação social na sensibilização para a temática da educação patrimonial. Neste sentido, foram realizados dois artigos e uma entrevista no jornal local, *Diário Insular*, tendo em vista uma explicação mais pormenorizada acerca do projecto. Ambos foram de extrema importância para fazer chegar a informação a um número maior de pessoas uma vez que o *Diário Insular* é o único jornal diário da ilha.

O primeiro artigo revelou o porquê da criação do Espaço Mar bem como os objectivos gerais estabelecidos pelos diferentes parceiros do espaço. Além disso, foram cedidas algumas fotografias para divulgação.



Figura 15. Recorte do *Diário Insular* com reportagem acerca da abertura do Espaço Mar

Já na entrevista, pude desenvolver melhor as actividades que queria desenvolver bem como explicar melhor o contexto arqueológico de Angra.



**Figura 16. Entrevista pessoal no *Diário Insular* sobre as actividades do Espaço Mar**

Além disso, os canais televisivos RtpAçores e Canal Vitec mostraram interesse pelo tema e elaboraram duas peças que foram transmitidas no horário das notícias regionais. Um outro meio de comunicação essencial foram as rádios. Tanto a Rádio Clube de Angra como a Rádio Ratel, incorporaram nas suas peças a importância da Arqueologia e do Espaço Mar.

A convite da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo, foi elaborada uma palestra no Salão Nobre dos Paços do Concelho, sobre a importância do porto de Angra nos séculos XV e XVI. Esta palestra contou com a presença de diversas entidades, tais como o Diretor Regional da Cultura, o Presidente do Instituto Histórico da Ilha Terceira, o Presidente e a Vereadora da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo. Isto demonstra um interesse por parte da autarquia na defesa do património cultural. Nas festas profanas mais conhecidas dos Açores - as *Sanjoaninas* - também foram realizadas actividades de educação patrimonial que contaram com lotação máxima.



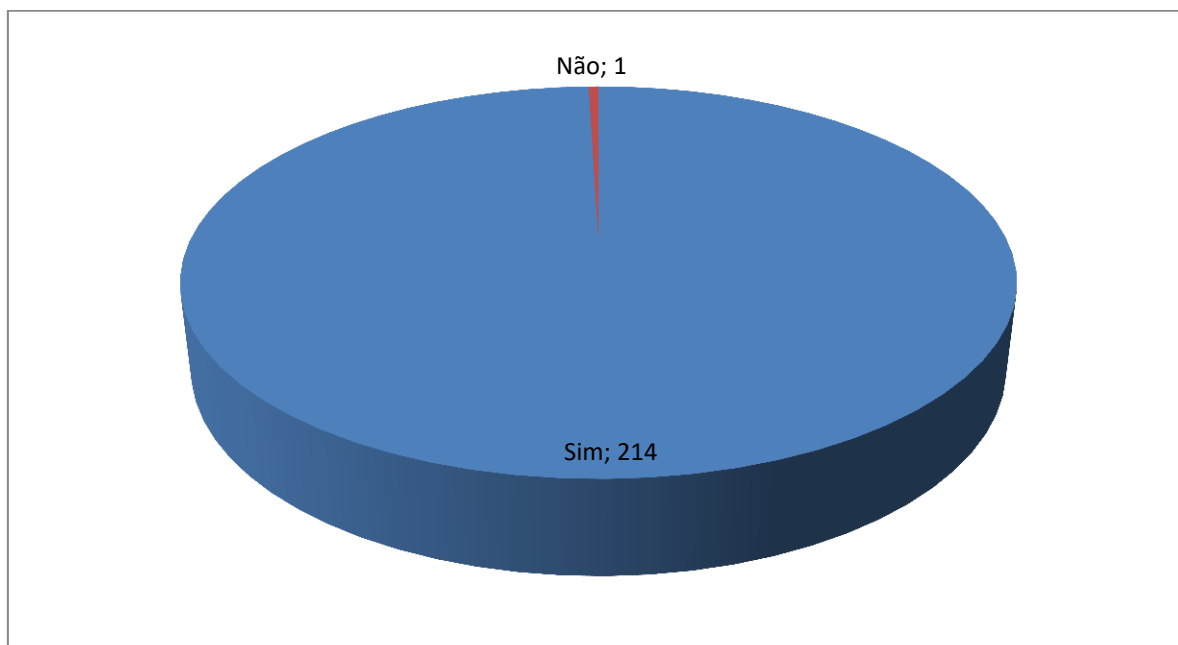
**Figura 17. Comunicação no Salão Nobre da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo**

## 5. ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS

Os questionários foram entregues a um total de 215 alunos do 3º e 4º ano de escolaridade, sendo que todos participaram nas atividades descritas neste relatório.

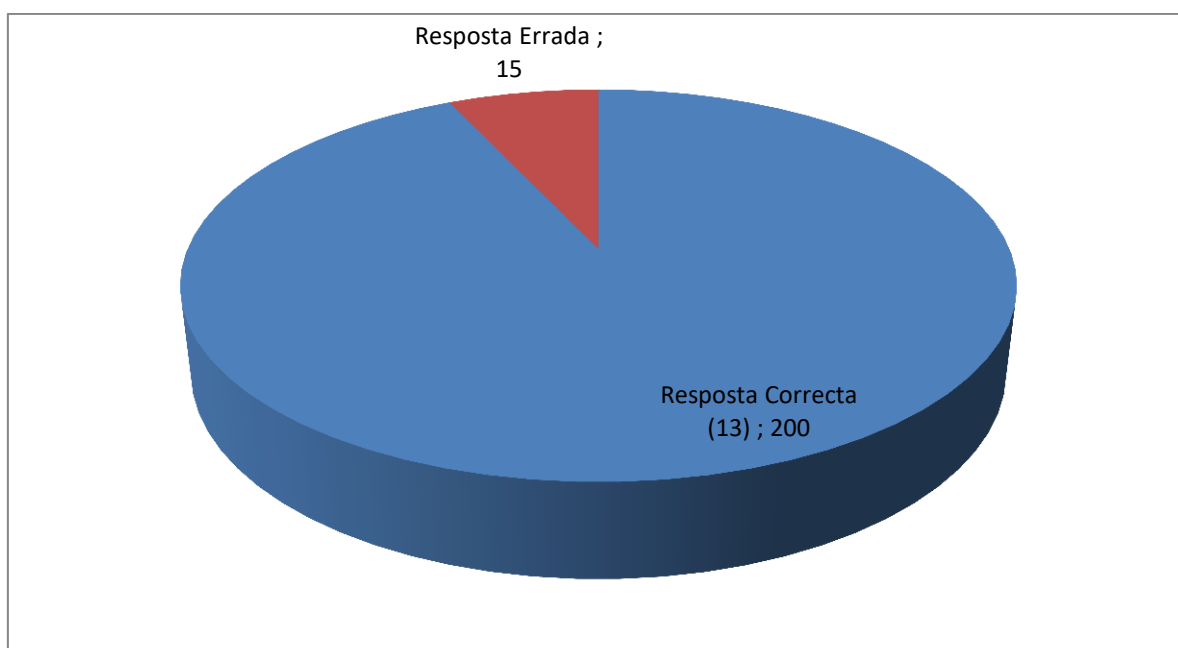
Antes de se iniciar a análise, importa salientar que nas turmas do 1º ciclo de escolaridade, não foi elaborado um inquérito inicial. As perguntas realizadas oralmente demonstraram que nenhum aluno conhecia o parque arqueológico ou mesmo o significado de Arqueologia. No final das atividades, foi entregue um questionário aos alunos como forma de consolidação daquilo que foi transmitido. Neste questionário, faziam parte cinco questões, uma delas de resposta aberta. Optou-se por um questionário conciso uma vez que os alunos já teriam participado na actividade teórica e prática e o tempo acaba por se tornar escasso. Além disso, pensa-se que um questionário com cinco questões é o ideal para cativar a atenção dos mais novos.

**Gráfico 1 – “O Património deve ser valorizado?”**



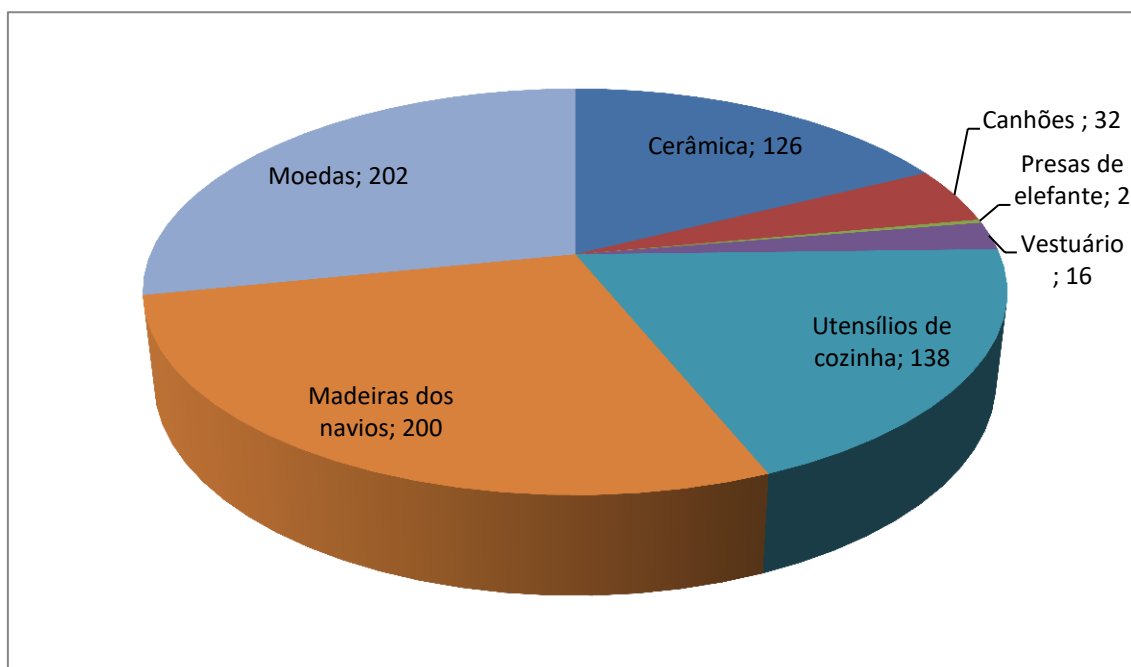
Analisando o gráfico, é possível perceber que 214 alunos consideram que o património deve ser valorizado, sendo que apenas um respondeu negativamente. Este resultado revela que no final da apresentação, os alunos já teriam ciente a importância da sua herança cultural e já possuíam um sentido de pertença a essa mesma herança.

**Gráfico 2 – “Quantos naufrágios identificados existem na Baía de Angra?”**



Nesta questão acerca dos naufrágios, 200 alunos responderam corretamente e apenas 15 deram a resposta errada. Foi dito na apresentação teórica quantos naufrágios tinham já sido identificados e estudados pelo CHAM mas uma vez que as crianças estavam a ouvir aquela informação pela primeira, é normal uma porção de alunos não se lembrar do exacto número.

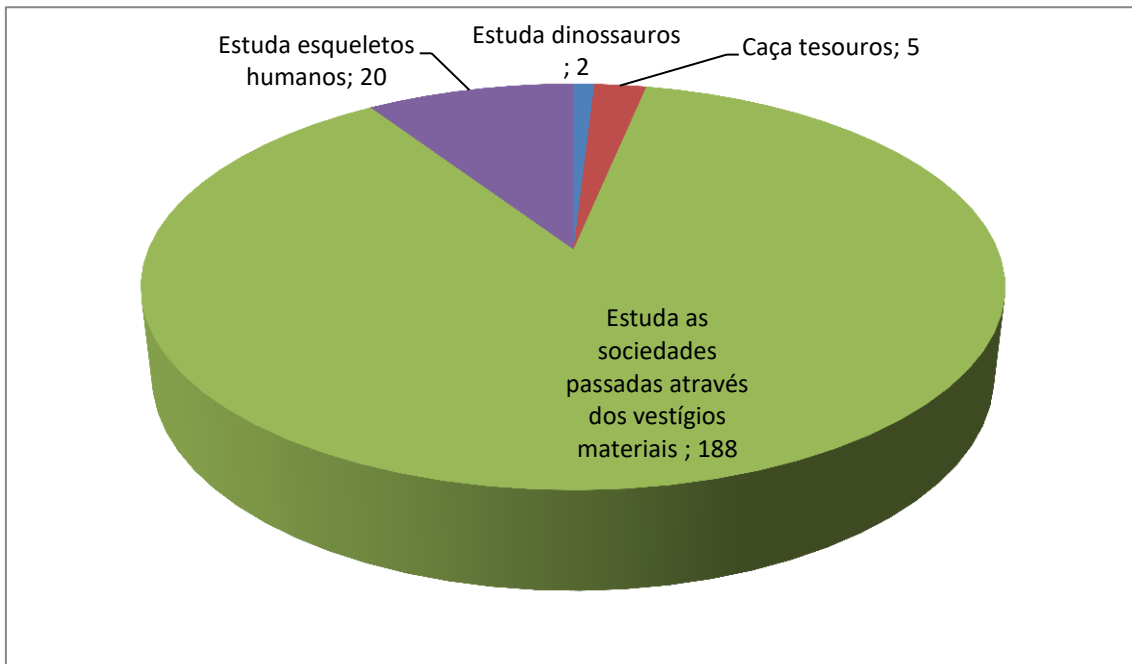
**Gráfico 3 – “Que artefactos podemos encontrar no fundo mar?”**



Esta questão de resposta aberta possibilitou que os alunos escrevessem livremente acerca dos artefactos que pensam poder encontrar-se no mar. Além disso, permitiu tomar conhecimento acerca do que os alunos retiveram na apresentação teórica, bem como na visita ao Espaço Mar.

Como podemos constatar, os alunos deram primazia às moedas, seguindo-se das madeiras dos navios. Os utensílios de cozinha foram também muito escolhidos, bem como objectos em cerâmica.

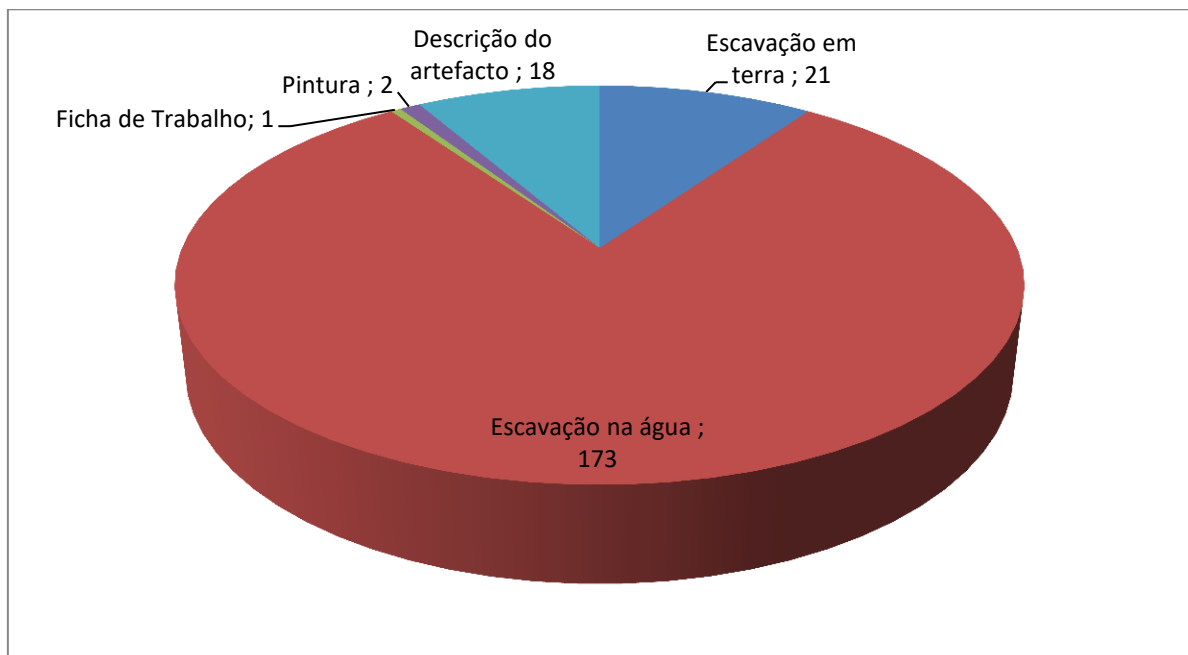
**Gráfico 4 – “O que faz um arqueólogo?”.**



Esta questão compôs-se por quatro opções, sendo que os alunos teriam que escolher a que estava correcta. Deste modo, 188 alunos responderam correctamente esclarecendo que o arqueólogo estuda as sociedades passadas através dos vestígios materiais. Cerca de 20 alunos ainda confundem Arqueologia com Antropologia, uma questão que fiz questão de esclarecer. Outro equívoco que ocorre muitas vezes, até em adultos, é pensar-se que a arqueologia trata-se de caçar tesouros. Cerca de 5 alunos tinham essa ideia, pelo que também foram explicadas as diferenças. Por último, apenas 2 alunos pensam que o arqueólogo estuda dinossauros, outro erro recorrente e que muitas vezes é incitado pelos manuais escolares que tratam a Paleontologia como Arqueologia.

Pensa-se que se a questão tivesse sido de resposta aberta, os alunos teriam provavelmente escrito algo relacionado como o estudo de vestígios materiais. Uma vez que tinham outras opções por escrito, acabou por confundir.

**Gráfico 5 – Que actividade gostaste mais de fazer no Espaço Mar?**



Analisando este gráfico, é notável o interesse dos alunos pela escavação aquática. Ao todo, foram 173 as crianças que preferiram a atividade que simulava um trabalho arqueológico em contexto aquático. Já a escavação que simulava um contexto terrestre, foi escolhida por 21 alunos. Em terceiro lugar ficou a descrição do artefacto, a atividade preferencial de 18 alunos. As atividades menos preferidas foram a pintura com 2 alunos e a ficha de trabalho com 1 aluno.

Em suma, a análise destes gráficos permitiu saber que, tanto a apresentação teórica e como a actividade prática, foram de grande interesse para os alunos. Além disso, a maioria dos alunos consolidou os conhecimentos adquiridos e reteram a informação mais importante.

**Gráfico 6 – “Para onde devem ir os artefactos?”**



Neste gráfico, não restaram dúvidas. Para os 215 alunos participantes, todos os artefactos devem estar presentes no museu para que todos tenham oportunidade de visitar e conhecer o seu passado. De acordo com as observações dos alunos, os artefactos não devem de forma alguma serem vendidos pois, dessa forma, ficariam em propriedade privada. Para estas crianças, o património pode e deve ser de todos.

## 6. REFLEXÕES FINAIS

Na presente reflexão, tornou-se evidente que um tipo de estabelecimento como o Espaço Mar, assume um importante papel no que concerne à transmissão de conhecimentos. Fomenta-se nos jovens, adultos e idosos, aptidões como o pensamento crítico no que respeita a questões patrimoniais. Não podemos olhar para o Espaço Mar como um local meramente informativo mas sim como um espaço de vivência experimental.

O *Espaço Mar* acaba por ser um pilar na comunicação com o público e funciona como um instrumento educativo extra-curricular. A realização deste estágio permitiu fazer chegar a informação a vários grupos etários, facto fundamental para divulgar o património arqueológico de Angra. Quanto à escolha da Câmara Municipal de Angra para a realização deste estágio, deveu-se ao forte interesse desta instituição em fomentar um espaço de divulgação e conhecimento dos nossos mares.

Ao longo do estágio curricular e como seria de esperar, surgiram diversas dificuldades. Arqueologia e Património são duas temáticas que não são discutidas em contexto de sala de aula. Ou seja, são temas não contemplados nos manuais de estudo dos alunos e isso exigiu uma preparação maior e atenção redobrada no que transmitir, sabendo a priori que os alunos desconheciam o básico. Envolver os alunos em actividades relacionadas com o património é tão ou mais exigente que a preparação das aulas e obriga a ultrapassar o espaço da sala de aula.

Além disso, as actividades foram preparadas de acordo com a calendarização dos professores, pelo que nem sempre foi fácil a gestão do tempo. Outra das grandes preocupações, prendeu-se na criação de actividades dinâmicas que cativassem a atenção dos mais jovens.

Percebemos agora que não temos apenas que envolver os alunos na actividade mas também ajudá-los a compreender o porquê do que irão fazer. É necessário ultrapassar barreiras que o próprio meio educacional impôs. Penso que uma forma de combater essa situação, seria incorporar a valorização e salvaguarda do património no programa escolar. Na ilha Terceira, as crianças e os jovens desconhecem o facto de habitarem numa cidade com uma enorme herança cultural.

Importa ainda realçar que todas as atividades efectuadas foram apoiadas pela instituição onde realizei o estágio. Esse apoio passou por ser financeiro em relação à aquisição de material escolar, bem como apoio logístico para que as crianças pudessem chegar ao Espaço Mar. Além disso, a Vereadora Raquel Ferreira mostrou-se sempre disponível para reunir e discutir acerca das tarefas propostas durante o estágio.

Enquanto que no meio terrestre as ruínas são valorizadas e apreciadas por quem por elas passa e as vê todos os dias, o mundo subaquático acaba por cair no esquecimento pelo simples facto de estar ausente na nossa vida quotidiana. Não podemos falar da história de Angra, sem mencionar o enorme fluxo naval que levou à expansão da economia da ilha. Pelas suas excelentes condições portuárias, Angra do Heroísmo desempenhou um papel fundamental no apoio à navegação do Atlântico. A intensidade do tráfego naval explica a riqueza arqueológica existente nas suas baías. O registo de naufrágios históricos nos Açores ultrapassa os quinhentos, o que faz do arquipélago um dos locais do mundo com mais concentração de naufrágios dos séculos XVI-XVII. E porque devemos considerar estes navios importantes? Porque nos contam o que aconteceu no arquipélago desde o século XV. Demonstram-nos como seria transportada a prata, o ouro ou os metais preciosos. A cidade, a ilha e os Açores tem imenso a ganhar com tudo isto. A baía relembra-nos o importante papel de Angra na globalização. Fomos uma das primeiras cidades do Atlântico. Além disso, o nosso património subaquático não pode continuar a ser ignorado nos debates sobre a política de transportes regional. A baía de Angra é um símbolo do passado. Mas é também crucial para o nosso futuro.

Existem cerca de treze naufrágios identificados na baía de Angra mas muitos mais por estudar. Segundo os arquivos, houve setenta e cinco naufrágios nos séculos XVI e XVII. Estes números mostram o caminho ainda por percorrer: a investigação carece de apoio político e a falta de verbas impossibilita a realização de intervenções arqueológicas em permanência. Além disso, a conservação dos sítios implica custos que nem sempre estão dentro das possibilidades das unidades de investigação e a progressiva destruição dos sítios poderá levar ao seu total desaparecimento. Para que tal não aconteça, temos de valorizar e proteger a nossa herança cultural.

Actualmente, quem nos visita, pode ver uma cidade magnificente que sobreviveu durante séculos e manteve a sua autenticidade, mesmo após um terramoto grave.

Esperamos que este seja o primeiro de muitos trabalhos, em prol da salvaguarda do património arqueológico do município de Angra do Heroísmo. Só assim será possível a divulgação junto da comunidade local e turística. É necessário ter em conta que sendo uma cidade Património Mundial, é urgente a criação de uma conexão entre educação e património. É necessário formar os funcionários para que não induzam em erro os turistas que por cá nos visitam. Por exemplo, é inconcebível fazerem visitas guiadas de barco à Baía de Angra sem um guia qualificado que explique a importância histórica da cidade.

De facto, este estágio não envolveu o trabalho de campo ou de gabinete, a que um arqueólogo está habituado. Não obstante, tratou-se de um trabalho essencial na divulgação do conhecimento científico. Evidentemente que não estando habituada ao conceito de educação patrimonial, este foi um contexto desafiador onde pude estudar novos conceitos e novas formas de comunicar a informação ao público em geral.

A comunidade científica não pode apenas centrar-se no desenvolvimento de projectos. Há que haver o respectivo retorno para a sociedade, uma vez que os cidadãos têm direito a conhecer o património para assim o protegerem.

Em suma, foi uma experiência gratificante por conseguir ver resultados no que concerne ao interesse de miúdos e graúdos pelo património arqueológico. O Espaço Mar pretende dar continuidade às actividades descritas neste relatório, permitindo desta forma, levar o conhecimento a um número cada vez maior de pessoas.

## 7. BIBLIOGRAFIA

### 1. Contextualização Histórica

AFONSO, J. (1984) – O galeão de Malaca no porto de Angra em 1589: um processo judicial – Linschoten. In *Os Açores e o Atlântico (séculos XIV-XVII). Actas do Colóquio Internacional realizado em Angra do Heroísmo de 8 a 13 de Agosto de 1983*. Angra do Heroísmo: Instituto Histórico da Ilha Terceira, pp. 177-199.

ALBUQUERQUE, L. (dir.), (1994) – *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, 2 vols., Lisboa: Círculo de Leitores.

*Arquivo dos Açores. 2ª série (1999-2001) vols. 1 e 2*, Ponta Delgada: Direcção Regional da Cultura. II: 297, III: 58, IV: 239, VII:307-308, 349-350, XI: 12, XIV: 154-159.

BETTENCOURT, José António (2008) – A nau nossa senhora da luz (1615) no contexto da carreira da Índia e da escala dos Açores: uma abordagem histórico-arqueológica, p.5.

BRANDÃO, Raul – As ilhas desconhecidas: notas e paisagens; pref. António M.B.Machado Pires. Açores: Artes e Letras

BRAZ, H. (1982) - *Ruas da Cidade. Notas para a toponímia da Cidade de Angra*. 2ª ed., Angra do Heroísmo, Instituto Histórico da Ilha Terceira

CHOUZENOUX, Christelle (2011) – *Caractérisation et Typologie du Cimetière des Ancres*. Universidade Fernando Pessoa.

DRUMMOND, F.F. (1981), *Anais da Ilha Terceira*. 2ª ed., Angra do Heroísmo, Secretaria Regional de Educação e Cultura, 4 vols

ENES, M (1984) – A provedoria das armadas no século XVII (algumas notas). In *Os Açores e o Atlântico (séculos XIV-XVII). Actas do Colóquio Internacional realizado em Angra do Heroísmo de 8 a 13 de Agosto de 1983*. Angra do Heroísmo, 1984, pp. 147-173.

FERNANDES, Manuel José (1989) – Angra do Heroísmo, p. 17. In *Cidades e Vilas de Portugal*. Lisboa: Editorial Presença.

FERREIRA, A (1984) – Os Açores e o curso francês na primeira metade do século XVI – a importância estratégica do arquipélago (1521-1537). In *Os Açores e o Atlântico (séculos XIV-XVII). Actas do Colóquio Internacional realizado em Angra do Heroísmo de 8 a 13 de Agosto de 1983*. Angra do Heroísmo, 1984, pp.280-297.

FRUTUOSO, G. (1978), *Livro Sexto das Saudades da Terra*. Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada

GARCIA, C., MONTEIRO, P., Phaneuf, E. (1999) – Os destroços dos navios Angra C e D descobertos durante a intervenção arqueológica subaquática realizada no quadro do projecto de construção de uma marina na baía de Angra do Heroísmo (Terceira, Açores). *Revista Portuguesa de Arqueologia* 2.2. Lisboa: IPA, pp. 211-232

GIL, M. (1979) – *O arquipélago dos Açores no século XVII. Aspectos socioeconómicos (1575-1675)*. Castelo Branco-edição da autora.

GUEDES, M. (1990) – O condicionalismo físico do Atlântico e a expansão dos povos ibéricos. *Studia*, 47. Lisboa: IICT-CEHCA, pp. 254-291.

GUERREIRO, L. (1999) – Pirataria, corso e beligerância estatal no sudoeste peninsular e ilhas adjacentes (1550-1600). In *As Rotas Oceânicas. Sécs. XV-XVII*. Lisboa, pp. 119-147.

JOÃO, Maria Isabel (1991) – Os Açores no Século XIX – economia, sociedade e movimentos autonomistas. Lisboa: Edições COSMOS, pp. 29-32.

LIMA, M. (1984) – Angra Universal escala do mar poente. In *Os Açores e o Atlântico (séculos XIV-XVII), Actas do Colóquio Internacional realizado em Angra do Heroísmo de 8 a 13 de Agosto*. Angra do Heroísmo, pp. 859-875.

LINSCHOTEN, J. (1997) – Itinerário, viagem ou navegação de Jan Huygen van Linschoten para as Índias Orientais Portuguesas (ed. Arie Pos e Rui Loureiro), Lisboa: CNCDP.

MALDONADO, M. (1990) – *Fenix Angrence*. Vol.2, Angra do Heroísmo: Instituto Histórico da Ilha Terceira.

MATOS, A. (1983) – Os Açores e a carreira das Índias no século XVI, in *Estudos de História de Portugal. Homenagem a A.H. de Oliveira Marques*, vol. II, Lisboa: Editorial Estampa, pp. 93-110.

MATOS, A. (1985) – *A provedoria das armadas na ilha Terceira e a carreira da Índia no século XVI*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical/Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga.

MATOS, A. (1987) – O regimento do provedor das armadas nos Açores (1575). In Barreto, L.F. e F.C. Domingues, eds., *A Abertura do Mundo. Estudos de História dos Descobrimentos em Homenagem a Luís de Albuquerque*. Vol. II. Lisboa: Editorial Presença, pp. 39-50.

MATOS, A. (1988) – *As Escalas do Atlântico no século XVI. Série Separatas*, vol. 197. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical/Centro de Estudos de História Antiga e Actual.

MENESES, Avelino de Freitas (2009) – Os Açores e os Impérios – séculos XV a XX in *Pequenos Espaços, Grandes Histórias, Ilhas, enclaves e fortalezas na construção do império*. Colóquio realizado pelo Centro de História de Além-Mar.

MONJARDINO, A. (1984) - A classificação de Angra do Heroísmo na lista do Património Mundial da UNESCO. *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, XLII

MONTEIRO, Paulo Alexandre (1999) – Os destroços dos navios Angra C e D descobertos durante a intervenção arqueológica subaquática realizada no quadro do projecto de construção de uma marina na baía de Angra do Heroísmo (Terceira, Açores): discussão preliminar in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, volume 2, número 4.

MONTEIRO, Paulo Alexandre (2007) – O Naufrágio do Vapor Lidador na ilha Terceira, Açores (1878) – relatório preliminar in *A Arqueologia Portuguesa em Revista*. Centro de Arqueologia de Almada: Revista Almadan Online, IIª Série.

NEMÉSIO, Vitorino - "Açorianidade", in: *Insula*, Número Especial Comemorativo do V Centenário do Descobrimento dos Açores, nº 7-8, Julho-Agosto, Ponta Delgada, 1932. p. 59.)

SANTOS, J. M. (1989), *Os Açores nos séculos XV e XVI*. Angra do Heroísmo, Secretaria Regional de Educação e Cultura/Direcção Regional dos Assuntos Culturais, Universidade dos Açores, 2 vols

## 2. Formas de Dinamização do Conhecimento

ARENDS, Richard I (1995) – “Aprender a Ensinar”. MacGraw-Hill de Portugal (pp.372,440,441,525).

BARCA, Isabel et al. (2015) –Educação histórica e educação patrimonial – novos desafios in *Educação Patrimonial: Contributos para a construção de uma consciência patrimonial*. Minho: Instituto de Educação da Universidade do Minho, pp. 57-63.

BETTENCOURT, J et al. (2012) – O papel dos centros de investigação na devolução do Património Cultural Subaquático à sociedade: a experiência da equipa do CHAM, in *Actas de Las V Jornadas de Jóvenes en Investigación Arqueológica- Arqueología para el siglo XXI*, p. 245-249.

BOGDAN, R., Biklen (1994) – Uma introdução à teoria e aos métodos, Porto Editora, LDA.

COHEN, L. e Manion, L. (1994) - *Research Methods in Education*, 4th ed., London, Routledge, 1994.

COUTINHO, C. P., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M. J., & Vieira, S. (2009). *Investigação Ação: metodologia preferencial nas práticas educativas*. *Revista Psicologia, Educação e Cultura*, 13:2, pp. 355-379.

CUSTÓDIO, J. (2000). *Educação patrimonial*. *Revista da Associação Portuguesa dos Municípios com Centro Histórico*, 1 (4), 10-11.

DUARTE, Ana (1993) – *Educação Patrimonial: Guia para Professores, Educadores e Monitores de Museus e Tempos Livres*. Lisboa: Texto Editora, pp. 7- 10.

GRUNBERG, Evelina; Horta, Maria de Lourdes Parreiras; Monteiro, Adriane Queiroz (1999) *Guia básico de educação patrimonial*. Brasília: Instituto do Património Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, pp. 2-11.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras (2000) Fundamentos da educação patrimonial. Ciências & Letras, nº 27, Porto Alegre: Faculdade Porto-Alegrense de Educação, pp. 25-35.3

INGASON, Sif Jóhannesdóttir (2009) – The Kid’s Archaeology Program, Iceland. Goals and activities. Recolhido a 23 de Julho de 2017 em <http://www.nabohome.org/projects/kap/fornleifaskolibarnanna1.pdf>

JORGE, V. (2001). Património e identidade cultural. Revista da Associação Portuguesa dos Municípios com Centro Histórico, 1, (6), 11-14.

KULCU, Ozlem Taskin e Hurmuzlu Bilge (2013) – Archeo-kid: a project-based learning model (Establishing background for archeology in childhood and adolescence). International Association of Social Science Research. Recolhido em Maio de 2017 de <http://iassr2.org/rs/010301.pdf>

JESUS, Carla (2016) – Educar públicos adultos e seniores no museu: um projeto inclusivo e de promoção do envelhecimento ativo. Universidade do Minho: Relatório de estágio de mestrado em Educação, pp. 5-45.

MOLINA, Nayra (2015) – La educación patrimonial como herramienta de “rebeldía ciudadana” in *Educação Patrimonial: Contributos para a construção de uma consciência patrimonial*. Minho: Instituto de Educação da Universidade do Minho, pp. 39-50).

PINTO, Maria Helena Mendes Nabais Faria (2011) – Educação Histórica e Patrimonial: concepções de alunos e professores sobre o passado em espaços do presente. *Tese de Doutoramento em Ciências da Educação, Especialidade de Educação em História e Ciências Sociais*. Universidade do Minho.

ROLDÃO, M. C. (2001). A educação patrimonial é uma opção das escolas. Revista da Associação Portuguesa dos Municípios com Centro Histórico, 1 (4), 15-17.

TELMO, Isabel Cottinelli (1994) - O Património e a Escola – Do Passado ao Futuro, Coleção Educação Hoje, Texto Editora, Lda., Lisboa, 4ª Edição.

## **8. ANEXOS**

---



# Questionário

1. O Património deve ser valorizado?

---

2. Quantos naufrágios identificados existem na baía de Angra?

---

3. Que artefactos podemos encontrar no fundo do mar?

---

4. O que faz um arqueólogo?

---

5. Para onde devem ir os artefactos?

---

6. Conta-nos a tua experiência no Espaço Mar. Que actividade preferiste fazer?

---



Nome \_\_\_\_\_

Data \_\_\_\_\_



Archaeology



# O QUE É ARQUEOLOGIA?

Anexo I. Apresentação em suporte powerpoint para alunos do 1º ciclo

Autoria: Catarina Ferreira.

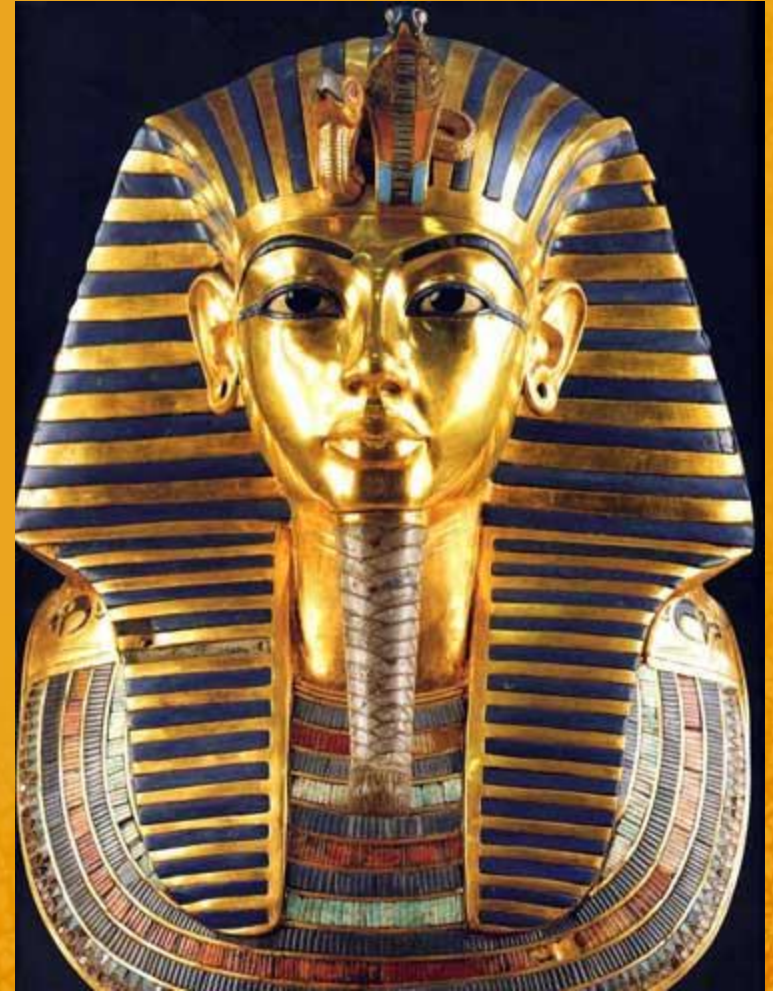
Template retirado do site <http://archaeology.mrdonn.org/powerpoints.html>

# O QUE É A *Archaeology* ARQUEOLOGIA?

• **A arqueologia é uma ciência que estuda as sociedades passadas através dos vestígios materiais.**

# DISCIPLINAS

*Archaeology*



# DISCIPLINAS

*Archaeology*

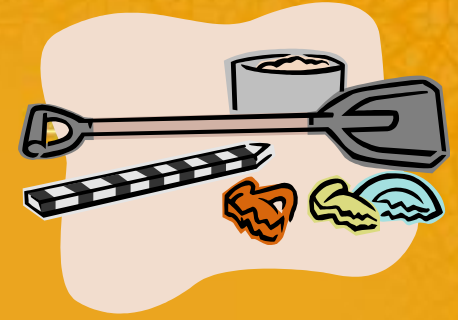


# DISCIPLINAS

*Archaeology*



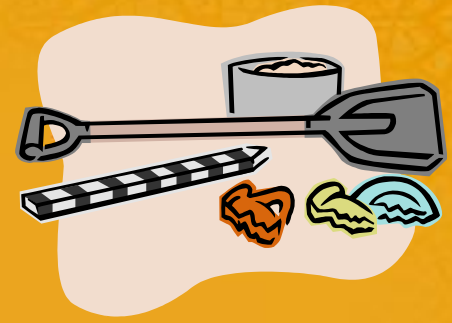
# O QUE É SER ARQUEÓLOGO?



Um arqueólogo é alguém que tenta saber como era a vida antigamente olhando para os vestígios materiais.



# O QUE É SER ARQUEÓLOGO?



**Arqueólogo em terra**



**Arqueólogo em mar**

# ARTEFACTOS

☛ **Um artefacto é um objecto do passado.**



# O QUE É UM SÍTIO ARQUEOLÓGICO?

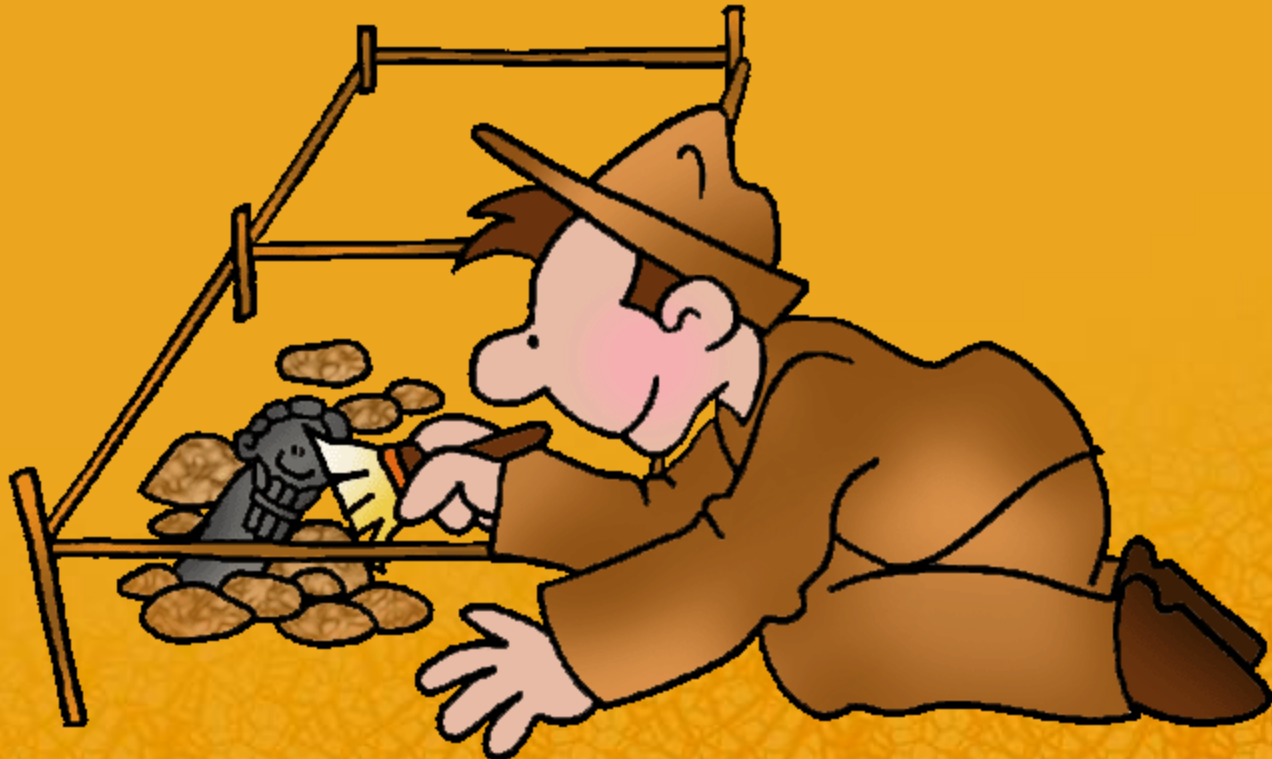
*Archaeology*



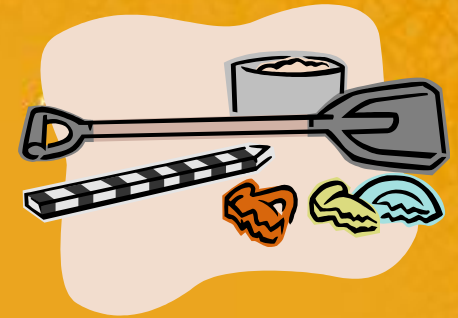
☞ **Um sítio arqueológico é um sítio onde os arqueólogos escavam para encontrar artefactos.**

# COMO MARCAR O SÍTIO? *Archaeology*

🗨 **Antes de começarem a escavar, os arqueólogos montam vários quadrados usando uma corda. Cada quadrado é escavado com muito cuidado!**



# QUAIS AS FERRAMENTAS?



- Os arqueólogos utilizam um colherim e um pincel para encontrar os artefactos, com muito cuidado para não os partir!
- Também utilizam uma pá e um balde para tirar o excesso de areia.



# NO LABORATÓRIO ...

*Archaeology*

☛ **Depois de encontrarem os objectos, os arqueólogos estudam-nos num laboratório. Lavam, colam os objectos se estiverem partidos e depois descobrem por quem foram usados e para que serviam.**



# NO MUSEU...

*Archaeology*

☛ **Depois dos materiais serem estudados no laboratório, vão para um museu onde podem ser visitados por todos.**



# Construir o Passado:



## a Arqueologia e a importância do Património

# O que é a Arqueologia?

do grego  
“arqué” = antigo  
e “logos” =  
discurso

- É uma ciência social que estuda as sociedades passadas através do estudo dos vestígios materiais: antropológicos, objectos imóveis (estruturas) ou objectos móveis (artefactos, ecofactos, etc).





# INDIANA JONES

STERN  
PINBALL, INC.

# Disciplinas



Arqueologia  
Pré-Histórica

Arqueologia  
Medieval

Arqueologia  
Clássica

Arqueologia  
Industrial

Arqueologia  
Subaquática

Arqueologia  
Moderna e  
Contemporânea

# Papel do arqueólogo na sociedade



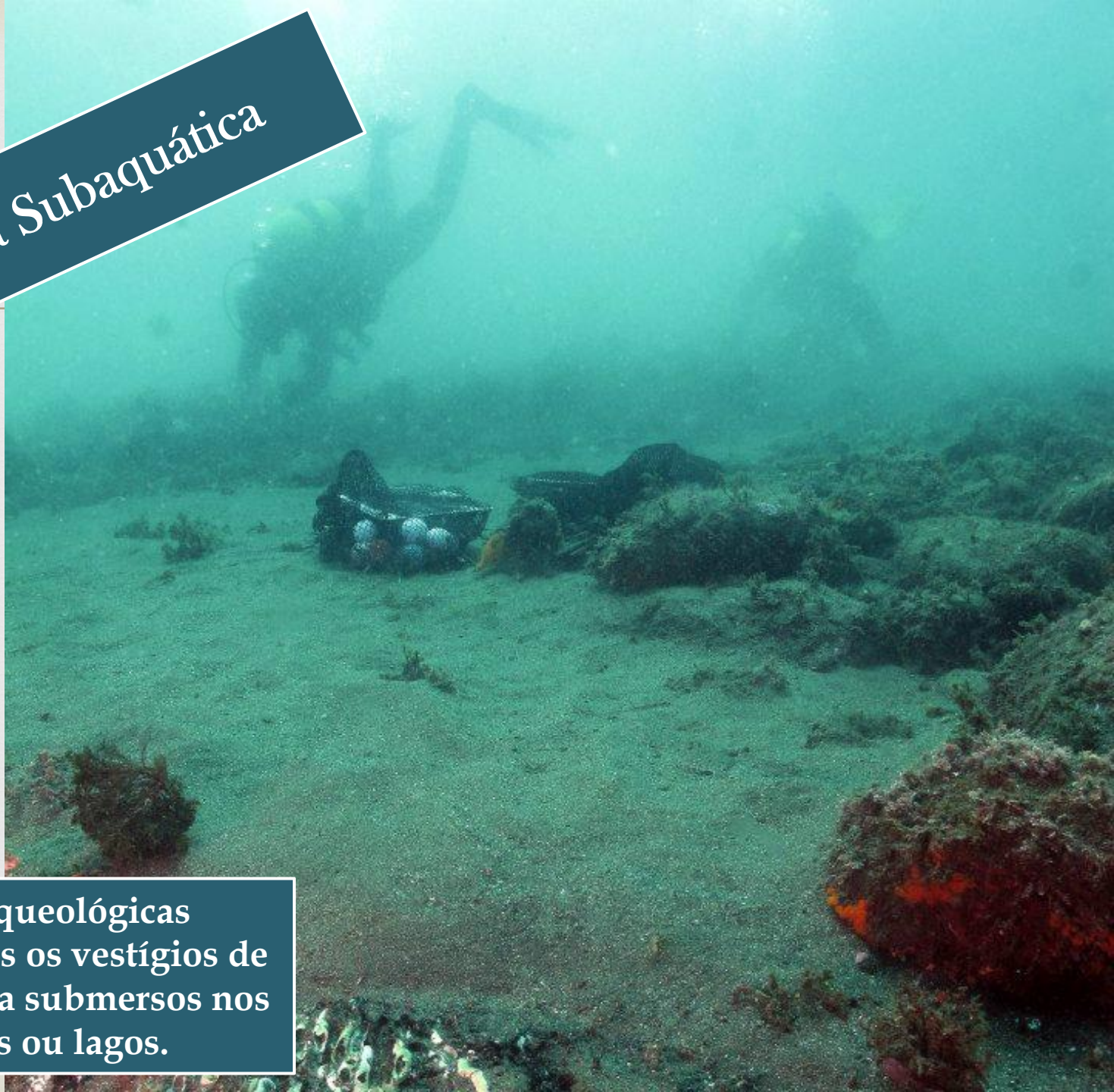
Estudar e preservar a  
nossa herança comum



Dar a conhecer o  
passado



# Arqueologia Subaquática



São fontes arqueológicas subaquáticas todos os vestígios de actividade humana submersos nos oceanos, rios ou lagos.

# Contributo da Arqueologia Subaquática

## A arquitectura e construção naval



Mary Rose (1545)

# Contributo da Arqueologia Subaquática

## A arquitectura e construção naval



Vasa( 1628)



# O Património Arqueológico de Angra



# Parque Arqueológico Subaquático da Baía de Angra

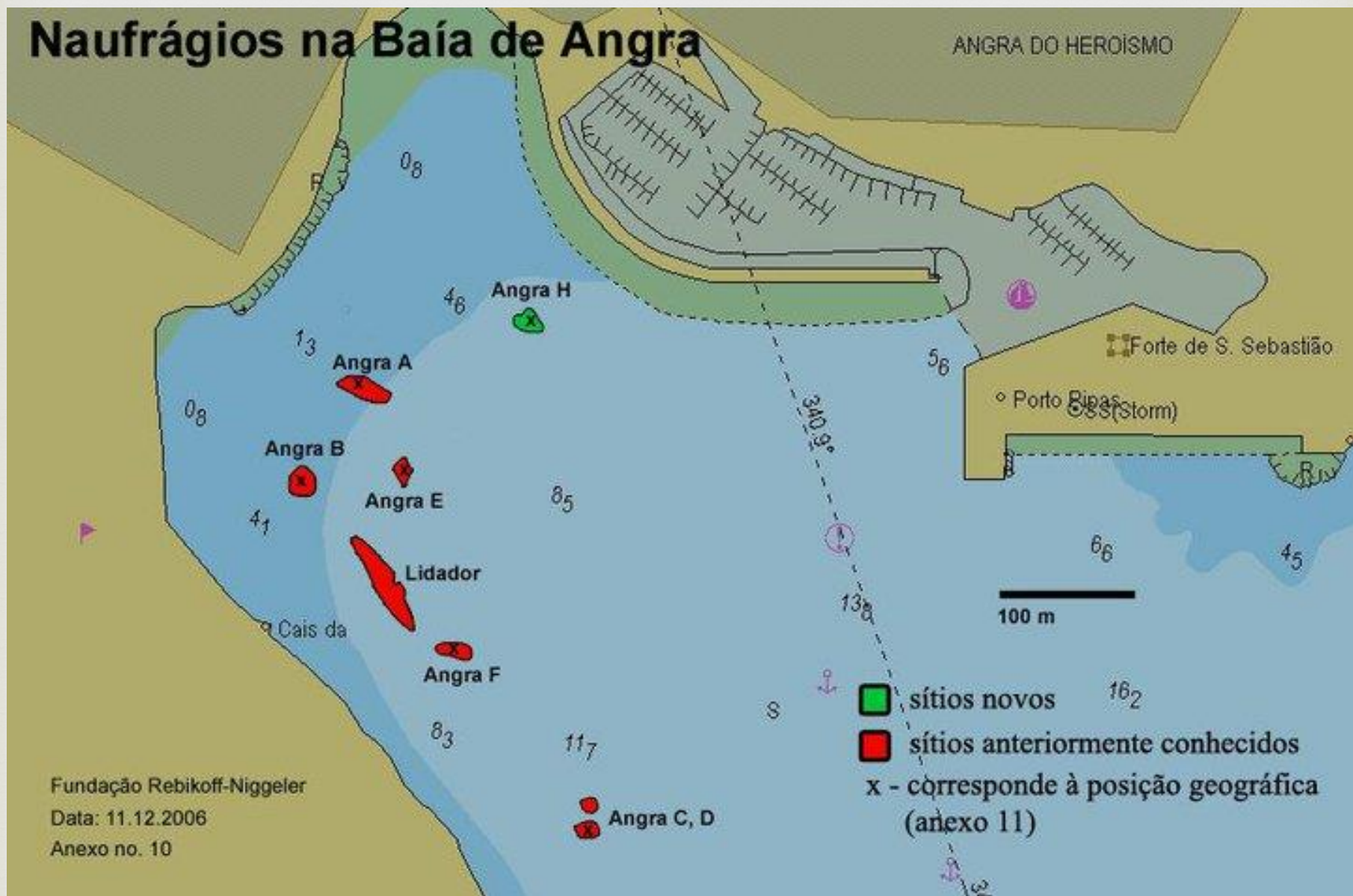


Naufração *Lidador*

Naufrações *Angra A ao J*

Naufração *Run'Her*

# Naufrágios na Baía de Angra



Fundação Rebikoff-Niggeler

Data: 11.12.2006

Anexo no. 10

# Naufrágio *Lidador*

1878

Barco a vapor

Empresa Transatlântica  
de Navegação

3 a 10 metros de  
profundidade



# Naufrágio *Angra B*

Navio ibérico: século  
XVII

5 metros de  
profundidade



# Naufrágio *Angra C*

Europa do Norte

Século XVII



# Naufrágio *Run'Her*

1864

Conferados Americanos

Caldeira



Cidade Património  
Mundial desde 1983

Arquitetura Patrimonial



Arquitetura Civil

Arquitetura Militar

Arquitetura Religiosa



# Arquitetura Civil



Praça Velha

# Arquitetura Civil



Hospital da Boa Nova

# Arquitetura Civil



Palácio dos Capitães-Generais

# Arquitetura Militar



Castelo de São João Baptista

# Arquitetura Militar

Castelo de São Sebastião



# Arquitetura Religiosa



Igreja da Sé

# Arquitetura Religiosa



Igreja da Nossa Senhora  
da Conceição

Obrigada a todos!

E não se esqueçam...

Archaeologists  
Don't Dig Dinosaurs.



Arqueologia não  
é nada disto!

